

Claudinei Silva Nascimento Natalha

O LIXÃO DE BRASÍLIA

e as sérias violações de direitos humanos



Claudinei Silva Nascimento Natalha

O LIXÃO DE BRASÍLIA

e as sérias violações de direitos humanos



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva do autor, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos ao autor, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Biológicas e da Saúde**

Profª Drª Aline Silva da Fonte Santa Rosa de Oliveira – Hospital Federal de Bonsucesso

Profª Drª Ana Beatriz Duarte Vieira – Universidade de Brasília

Profª Drª Ana Paula Peron – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Camila Pereira – Universidade Estadual de Londrina

Prof. Dr. Cirênio de Almeida Barbosa – Universidade Federal de Ouro Preto

Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
 Profª Drª Danyelle Andrade Mota – Universidade Tiradentes
 Prof. Dr. Davi Oliveira Bizerril – Universidade de Fortaleza
 Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
 Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
 Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
 Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
 Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
 Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
 Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
 Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
 Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
 Prof. Dr. Guillermo Alberto López – Instituto Federal da Bahia
 Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
 Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
 Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Delta do Parnaíba – UFDPAr
 Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
 Prof. Dr. José Aderval Aragão – Universidade Federal de Sergipe
 Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
 Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
 Profª Drª Kelly Lopes de Araujo Appel – Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal
 Profª Drª Larissa Maranhão Dias – Instituto Federal do Amapá
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Profª Drª Luciana Martins Zuliani – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
 Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
 Prof. Dr. Maurilio Antonio Varavallo – Universidade Federal do Tocantins
 Prof. Dr. Max da Silva Ferreira – Universidade do Grande Rio
 Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
 Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
 Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
 Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
 Profª Drª Sheyla Mara Silva de Oliveira – Universidade do Estado do Pará
 Profª Drª Suely Lopes de Azevedo – Universidade Federal Fluminense
 Profª Drª Taísa Ceratti Treptow – Universidade Federal de Santa Maria
 Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí
 Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
 Profª Drª Welma Emídio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

O lixão de Brasília e as sérias violações de direitos humanos

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: RevisAtena
Autor: Claudinei Silva Nascimento Natalha

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
C615	<p>Claudinei, Natalha O lixão de Brasília e as sérias violações de direitos humanos / Claudinei Silva Nascimento Natalha. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-0807-9 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.079231701</p> <p>1. Direitos humanos. I. Natalha, Claudinei Silva Nascimento. II. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 323</p>
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná – Brasil
 Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DO AUTOR

O autor desta obra: 1. Atesta não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declara que participou ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certifica que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirma a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autoriza a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Agradeço à minha mãe, dona Iracema Silva Nascimento, meu pai, Raimundo Moreira do Nascimento e meus irmãos: Cleodenilson Silva Nascimento, Cleiton Silva Nascimento, Cleomar Silva Nascimento e Cleanes Silva Nascimento.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
A queima silenciosa do lixão e as dramáticas consequências para a comunidade estudantil local	2
O lixão de Brasília e as sérias violações de direitos humanos	3
Cachorros pelas ruas	4
Pombos	4
Gás	5
Sintomas causados pelo cheiro forte	5
Insetos estranhos.....	6
Reflexão, na sala de aula, das consequências do gás	6
Relato dos alunos que moram na cidade estrutural.....	8
Cachorros pelas ruas.....	9
Desconhecimento dos problemas locais.....	10
Comunidade Santa Luzia Estrutural.....	10
Vida compartilhada com animais pelas ruas.....	11
Direitos humanos violados.....	16
Título a Brasília.....	16
Objetivos Gerais.....	17
Objetivos Específicos.....	17
Justificativa.....	17
Problemática	18
Hipóteses	19
Metodologia.....	20
Pesquisa de campo	20
Revisão de leitura	21
FASE COMPLEMENTAR DO LIVRO.....	22
O lixão de Brasília e as sérias violações de direitos humanos.....	22
Direitos humanos violados (continuação)	25
S.O.S Educação Estrutural – Negligenciados	30
Conflitos.....	30

Os fatos pedagógicos.....	33
Objetivos	34
Destaque.....	37
Descaso	38
Desafios	39
Desafios	39
Desafios	40
Escola periférica	40
Conversa com a Coordenação	40
Relatos da supervisora do noturno 07/05/2018.....	42
Relato do pedagógico	42
Negligenciados	42
Negligenciados	43
Árvore comunitária	43
Agressão psicológica	44
Desestímulo.....	45
Proposta	45
S.O.S Educação Estrutural, apresentado na Câmara Legislativa do Distrito Federal.....	46
REFERÊNCIAS	48
SOBRE A AUTORA.....	49

INTRODUÇÃO

O lixão da Estrutural é o segundo maior do planeta e o maior da América Latina em extensão, e funcionou, durante quase quarenta anos, em uma região periférica de Brasília, a aproximadamente 20 quilômetros da região central.

Naquele espaço, a comunidade local presenciou direta e indiretamente centenas de cenários dos horrores, desde a morte de crianças que brincavam pegando carona nas traseiras de caminhões carregados de material e eram pisoteadas, vindo a óbito, até restos mortais de adultos e fetos.

O gigante latino trouxe dor e sofrimento a muitos moradores da cidade Estrutural. Não posso esquecer aqui, também, o mau cheiro insuportável. Lembro-me de uma época em que, por volta da meia noite em tempos chuvosos, circulava o cheiro de decomposição de lixo orgânico. O ar contaminado prejudicava a respiração dos adultos. Agora pensem: como as crianças daquela época conseguiam respirar? O mau cheiro era imediatamente notado, em sua maioria por quem morava em prédios. Se o odor exalado pelo lixão, resultante da decomposição do material, trouxe prejuízo mental a alguém da comunidade nos dias atuais, não sei. Mas é isso que queremos saber.

Não posso me esquecer, também, da quantidade de moscas na hora do almoço. Os insetos que se alimentavam da enorme quantidade de comida que encontravam no lixão eram os mesmos que entravam nas residências e compartilhavam o espaço com os moradores.

Durante anos perdurou a situação degradante de quem vivia às margens do gigante latino. Desde as brigas e ameaças de quem trabalhava na coleta seletiva de material reciclável dentro da área do lixão, por algum material, até aqueles que chegavam e depositavam do nosso lado tudo o que Brasília inteira produzia, todos têm alguma coisa para contar. Naquela época governantes em Brasília tentavam a todo custo retirar os moradores do local, por ser uma invasão. O uso da força não foi poupado, mas falaremos sobre isso em outros momentos. Nosso interesse, aqui, é exatamente entender os efeitos dramáticos da queima do lixão para a comunidade local, tentar dar visibilidade ao problema e chamar a atenção das autoridades.

Mas calma aí: com toda monstruosidade que trouxe o amontoado de entulhos, muita gente se beneficiou com o trabalho prestado à coleta seletiva? Sim! Muita gente se beneficiou. Mas como ocorreu isso, então?

Os catadores, apesar das precariedades, conseguiam um dinheiro selecionando material reciclável. Assim, pagavam aluguel, compravam roupas e levavam comida para dentro de casa. Graças ao trabalho também conseguiam comprar material para que os filhos estudassem durante o ano letivo. Enquanto os pais trabalhavam na coleta, os filhos estavam nas unidades de ensino, que na época eram feitas de madeira, e assim a vida

corria seu curso, como um rio.

Mas a centralidade de nossa conversa é se, de fato, houve prejuízo mental à comunidade resultante da queima do lixão, e trataremos disso com cuidado durante toda pesquisa.

A QUEIMA SILENCIOSA DO LIXÃO E AS DRAMÁTICAS CONSEQUÊNCIAS PARA A COMUNIDADE ESTUDANTIL LOCAL

Os elementos constituintes da pesquisa nesse estudo visibilizam o drama de quem viu de perto o sofrimento da comunidade, relacionado ao lixão da Estrutural. Muito desse sofrimento foi esquecido. Moradores da comunidade do setor conhecido como Santa Luzia - bairro desinente da região central, visto como esquecido pelo estado e o mais violento dentro da comunidade, com proximidade ao aterro - revelam fatos, como morte por esmagamento dentro do espaço do lixão e brigas entre os próprios catadores, conforme notícia do *Portal G1- Globo*, publicada no dia 20/01/2019.

Além da pesquisa com a publicação, foram feitas coletas esporádicas de informações com moradores, antigos catadores, que diziam que o lixão era um perigo eminente, e que para ficar em pé no lixo havia riscos que vinham de qualquer parte; que o lixo molhado era mais seguro do que o seco. Lá havia disputas pela coleta do lixo. Diziam os moradores/coletores que o fogo saía, de repente, das regiões inferiores no espaço onde o material era despejado.

Uma coisa é certa: o lixão é parte da história da cidade Estrutural e de seus moradores que sobreviveram, durante anos, da coleta de material reciclável. É o que relata a matéria do *Jornal Metrôpoles*, divulgado em 14/07/2019.

Se, de fato, a quantidade de laudos mencionados pela coordenação do Colégio 01 demonstra que houve exposição a algum suposto agente químico, alguém deve ser responsabilizado, pois isso é muito grave. Mas que problemas foram esses? Que supostos prejuízos pode trazer a queima de um resíduo a alguém em frequentes exposições? Essas são perguntas cujas respostas temos a curiosidade de saber, e estudos relacionados ao assunto podem nos trazer, de fato, explicações e evitar novas exposições e prejuízo mental de grupos em algum setor da comunidade local.

Assim como o amontoado de lixo, os problemas por ele causados nos revelam o quanto é preciso uma insistente política de conscientização sobre a produção de material (lixo). O histórico de funcionamento do lixão revela o quanto a população de Brasília foi omissa na política de produção de lixo. Ou seja: o demonstrativo é de uma comunidade com péssimos hábitos e uma má educação assustadora sobre a produção de resíduos. Ficamos com o que sobrou de tudo que foi produzido por todo o Distrito Federal.

O LIXÃO DE BRASÍLIA E AS SÉRIAS VIOLAÇÕES DE DIREITOS HUMANOS

Brasília estava agitada com rumores de que o lixão da Estrutural iria fechar. Em uma dia de sol quente passei a fotografar, pelo celular, a rotina na comunidade. Perseguida por um carro estranho, mesmo com medo, dei continuidade ao trabalho. Inicialmente foi feita uma busca para identificar os possíveis efeitos causados pela queima do lixo nos moradores da Estrutural, nas suas diferentes faixas etárias e diferentes locais onde moram dentro da comunidade. Para esse fim, fizemos uma busca sistemática, aproximando-nos daqueles que, de alguma forma, foram ou estão sendo prejudicados pela exposição do gás resultante e os seus efeitos drásticos, em especial grupos de estudantes, deficientes, idosos e gestantes.

Com o fechamento paralelo do lixão, temos como consequências conviver com as maiores doenças da América Latina. É o que se espera da decomposição desses resíduos. Diversas pessoas sobreviveram e ainda sobrevivem da captação exaustiva de material que conseguem obter. Expostos ao sol ardente, fezes de pássaros e ratos, a aproximadamente 25 quilômetros da Câmara e do Senado Federal, muitos catadores faziam a coleta de material sustentando sonhos, trazidos do Nordeste, de conseguir um emprego digno, mas o que encontraram foi o lixão de Brasília. Assim, transformaram o sonho em uma dura realidade.

O preconceito e suas marcas deixadas fizeram parte da realidade daquelas pessoas durante muitos anos. Não bastasse lutarem para sobreviver à exposição diária a todo tipo de material tóxico, ainda tinham que lidar com o comportamento igualmente tóxico das pessoas preconceituosas e também responsáveis pelo acúmulo do material naquele lugar. Claro que a irresponsabilidade em produzir tanto lixo não deixaria o preconceito andar sozinho.

Em 2018, ao analisar a cidade e o comportamento dos moradores, observei um grupo de catadores que apresentavam pele amarelada, ressequida pela exposição frequente, o rosto marcado de quem viveu a dura realidade de trabalhar no lixão. Tive contato com diversas pessoas que aguardavam receber almoço da capela. Estavam desprotegidas e usavam roupas comuns, calça jeans, sapato grosso preto e camiseta normal verde, que, acredito, devia ser de alguma cooperativa recém-instalada. Não cheguei a ver nenhum capacete ou máscara. Pelo menos na hora do almoço, apresentavam-se da mesma forma que trabalhavam.

As disputas por área também aconteciam diversas vezes e sob ameaças. Há relatos de que eram encontrados corpos humanos desovados, também restos humanos, como dedos, pernas, além de fetos, em sua maioria já em decomposição. É sabido em toda a cidade que o lixão da Estrutural era um ambiente perfeito para que criminosos jogassem seus desafetos mortos, fato esse que nunca foi novidade para ninguém, visto que a região

era extremamente perigosa, uma característica da violação dos direitos do cidadão: o conflito social. No ano de 2017 foi decretado seu fechamento. Espalhou-se pela cidade a notícia de que finalmente o lixão seria fechado ou transferido de local. Atualmente com poucas características do passado, o lixão de Brasília, silencioso, ensina seus moradores, de forma didática, que há uma camada de lixo muito grande no subsolo, construída ao longo dos anos, acompanhando o desenvolvimento da cidade, que foi se expandindo de forma desordeira.

O bairro de Santa Luzia, construído já na lateral (divisa) do lixão, tem como característica ser o mais próximo dentro da cidade e, como consequência, o mais violento, aumentando a preocupação de quem mora ou precisa, de certa forma, trabalhar na região.

Ladeado da carência gigante e de isolamento, no setor falta urbanização completa, as residências são de tapume, as casas ficam geralmente ao lado umas das outras, com lotes mal divididos, as ruas não têm asfalto, a iluminação é precária e cheias de “gambiaras”. Apenas as áreas mais centralizadas dispõem de asfalto com luz nos postes de energia elétrica.

CACHORROS PELAS RUAS

Uma quantidade muito grande de cães, supostamente abandonados pelos seus donos, alimenta-se de restos que encontram pelas ruas, porque a região conta com uma grande quantidade de comida. São cachorros dos mais diferentes tipos que vagam sem destino, muitos deles apresentam doenças visíveis pelo corpo. Antes alimentavam-se do lixão e hoje (2018), com seu fechamento, não têm para onde ir e nem o que comer, andam pelas ruas e dependem da bondade dos moradores, que lhes dão água e jogam-lhes pedaços de carne, e ali os animais se amontoam. Sem conseguir abrigo, muitos deles se espalham pela cidade, abrigando-se onde conseguem. Em períodos chuvosos, o problema é ainda mais visível: os cães ficam embaixo de prédios, em sua maioria de 2, 3 andares ou embaixo de árvores. Na região é proibido construir prédios cima de 3 andares. As ruas são muito estreitas, sem sinalização e os carros passam por cima dos animais, que ficam aos gritos até algum morador de bom coração os recolher. Isso é muito notório na BR que divide a cidade de uma reserva pequena, resultado da urbanização desenfreada.

POMBOS

A faminta população de pombos também se faz presente na região central da cidade, onde há comida dispensada pelas casas de ração. Moradores e comerciantes alimentam esses animais que, aos poucos, vão se aglomerando e se tornam alvos de acidentes de carro e ônibus, que acabam passando por cima deles. Como ninguém se interessa em

recolher restos mortais de aves, eles ficam espalhados pelo chão nas principais avenidas do interior da cidade. É perceptível o problema.

GÁS

Um cheiro estranho e muito forte se espalha a qualquer hora e vem de algum lugar da cidade. O problema é que ninguém sabe de onde vem e nem o que realmente é. Só se sabe que é um gás. É muito forte e provavelmente seja algum tipo de gás originado da decomposição de lixo buscando saída. Em minha residência, também no setor leste, o cheiro veio do ralo do banheiro, do vaso e do ralo da pia. Muitas casas sentem esse cheiro e é forte - muito forte - parecendo ser um gás pesado. Uma característica é quando se está em pé, sente-se o odor com menos frequência. Porém, quando se agacha, sente-se o cheiro com maior intensidade. Esse vapor (gás) passa pelas residências geralmente no período da noite, entre 3 e 4 da madrugada, em uma intensidade bem maior, todos os dias. Para evacuar o cheiro abrimos janelas e portas, caso contrário ele se acumula, principalmente em áreas nas quais há maior isolamento, nos cantinhos do quarto, atrás da porta ou em lugares menores, como embaixo do armário e atrás da geladeira.

Já fechei todas as saídas de ar, mas, ao que parece, o elemento sai do chão e das paredes. A realidade é que esse gás fica circulando diariamente.

O fato é que temos que nos adaptar a viver e a sentir esse cheiro nos hábitos diários: almoço, jantar, café da manhã. Mas o horário que considero mais perigoso é a hora de dormir, porque não há como saber quando o cheiro se aproxima, apenas percebe-se inalando-o.

Dentre os piores dias, destaco um em que acordei sem fôlego e com uma massa grossa de saliva na garganta, que não parava de ser produzida. Acordei em pânico, coração acelerado e fui colocar plásticos nas saídas de ar e panos na boca do vaso. Feito isso, peguei a toalha e comecei a girar, simulando um ventilador para que o ar circulasse e aquele cheiro horrível saísse.

Aterrorizante você sentir que o ar que respira está matando-o.

Dentre os vários dias, esse foi o que mais me preocupou. Pelo que percebi, as casas mais simples são as que mais sentem o cheiro desse gás.

Sintomas causados pelo cheiro forte

Dor de cabeça.

Sonolência muito forte.

Acumulação de saliva na garganta.

Gripe diária.

Corrimento no nariz.

Espirro todas as madrugadas.

Falta de ar.

Pressão no globo ocular.

Sonolência.

Já houve dias em que esse gás chegou, por volta das 12h, e eu fiquei com enorme sonolência, uma moleza no corpo. E diversas vezes, quando saio de casa, esqueço algo e só lembro quando estou retornando.

INSETOS ESTRANHOS

Populações frequentes de baratas saem do esgoto. Essas baratas comuns e pequenas, aparentemente adultas, por causa da rapidez. Coloquei fogo em várias, mas elas insistem em ficar embaixo do colchão no chão, onde se acumula grande quantidade de gás, nas outras dependências da casa, não se veria no quarto onde o gás se acumula. Elas aparecem sempre no período da noite.

Ultimamente tenho observado nelas a coloração amarronzada clara e o tamanho de um grão de feijão. São rápidas!

Há um acúmulo de insetos invisíveis, que por diversas vezes tiraram meu sono. Não consigo vê-los, mas consigo sentir uma ferveção no rosto e nos braços como se fosse caspa de cabelo, porém que se mexe. Isso corre e se acumula em locais menos arejados.

Já coloquei os cobertores no sol, mas não resolveu. À noite os bichinhos aparecem e ficam passeando no meu corpo. Cheguei a acreditar que meu cachorro tinha trazido isso da rua, já que diariamente nós passeamos. Porém, já dei banho nele diversas vezes e o problema não acabou.

REFLEXÃO, NA SALA DE AULA, DAS CONSEQUÊNCIAS DO GÁS

A maioria dos professores acredita que a grande dificuldade dos alunos em aprender está relacionada à inalação do gás na cidade, lembrando que 100% dos moradores têm filhos nas escolas públicas e 100% dos alunos são moradores da cidade.

Professores relatam que fazem comparações a outras instituições de ensino por onde passaram e que há uma defasagem muito grande dos alunos que passam pela instituição. “A gente fala, fala, fala, mas no dia seguinte, parece o mesmo dia, eles não conseguem aprender”, diz a professora.

Nós acreditamos que é o gás metano que está afetando o cognitivo dessas crianças. Por mais que tentemos, não conseguimos concluir o esperado.

A escola fez um levantamento sobre essas dificuldades de aprendizagem, e, segundo a instituição, daria para preencher 8 salas de aula com 35 alunos em cada sala. Acredita-se que seja um efeito direto do gás metano, não há outra explicação para um desinteresse tão grande.

O corpo docente acredita que as dificuldades das crianças da Estrutural em aprender o conteúdo escolar tenham relação com algum composto químico proveniente do metano, que a mãe grávida inala, os bebês inspiram e quando chegam à fase escolar apresentam defasagem no cognitivo.

A sociedade de todo território do Distrito Federal é responsável, direta ou indiretamente, de modo biológico e geográfico, pelo que acomete a cidade Estrutural, em especial as indústrias e empresas que produziam e jogavam dejetos líquidos e sólidos no lixão.

O que deixou de ser um problema para as pessoas, para as indústrias e para os hospitais, tornou-se um problema para os moradores e suas crianças, que têm que conviver com riscos de perigosas doenças provenientes do “lixão de Brasília”.

A falta de conhecimento sobre a região geográfica, sobre o lixo depositado ao longo de todos os anos e exposto ao sol, a chuva e pressão atmosférica deixam a população como um todo à mercê de suas consequências.

A população da cidade sempre viveu exposta a esses gases, fato que o GDF, ao longo dos anos, se negou a enxergar.

Há uma comparação entre os professores, a grosso modo, relacionando as crianças que nasceram na Estrutural com as que ali chegaram, concluindo que as que chegaram posteriormente se desenvolveram melhor. A realidade das crianças nascidas é inferior à das que chegaram de outras regiões, sem a exposição a elementos tóxicos. Supõe-se uma provável degeneração cognitiva, que faz com que todo o trabalho dos docentes seja em vão.

Uma minoria de alunos consegue aprender o conteúdo ministrado em sala de aula. Como explicar isso?

Acredita-se que exista relação com a urbanização leve na região central da cidade, distante do lixão. Talvez essas crianças menos expostas tenham, por esse motivo, conseguido se desenvolver melhor.

A coordenação da unidade supõe que os alunos pensam, mas não conseguem armazenar as informações. Afirma, ainda, que o número de transtornos mentais é imenso e que convive na unidade há aproximadamente 8 anos, diretamente com as crianças. Afirma, ainda, que se os discentes forem atendidos pelos especialistas será possível detectar algo.

Funcionários da unidade relatam que, apesar da comunidade ser carente, geográfica e socialmente, a falta de alimentação não seria o fator desencadeador da situação, porque

a maioria dos alunos teria pelo menos o básico em casa para comer (referindo-se a arroz, feijão e carne), e que o comportamento e o jeito das crianças é totalmente diferente.

Há 10 anos (a reunião de informação foi colhida em 2018, junto a professores da unidade Colégio 01 Estrutural - DF) havia uma exposição maior ao gás e o exalar era tão constante que tanto alunos quanto professores conseguiam sentir o cheiro dentro da escola, afirma a coordenadora.

Um adulto consegue reagir ao cheiro, saber a origem e perceber os prejuízos causados. Mas e as crianças?

A questão não é mais onde o lixo será depositado, e sim, os efeitos da decomposição para os moradores. Principalmente para as crianças, idosos, deficientes e mulheres grávidas as consequências são diretas.

Provavelmente muitas das crianças nasceram de pais que se expuseram constantemente ao cheiro. Então, hoje, como estão essas pessoas? Essa é uma pergunta que precisa de resposta.

Além de regional, torna-se um problema ecológico de responsabilidade nacional. Não existe uma conscientização por parte do poder público direcionada aos moradores, que são os mais afetados. Assim, a população torna-se leiga em um assunto tão importante para as relações sociais.

Grande parte da população não percebe os riscos que a decomposição do lixo pode trazer à saúde de todos e os riscos da liberação do gás metano e outras partículas químicas diretamente na saúde regional.

RELATO DOS ALUNOS QUE MORAM NA CIDADE ESTRUTURAL

Pessoas que moram, trabalham ou estudam na cidade reclamam frequentemente de dor de cabeça e afirmam que sentem um cheiro forte de gás vindo do lixo. Uma roda de conversa sobre o assunto realizado dentro da comunidade esclareceu muito sobre a questão da exposição e consequências do lixo.

Os tópicos trabalhados foram:

- Surgimento da cidade, geografia local, lixão embaixo das casas, isolamento da população, decomposição do lixo depositado ao longo do tempo, canais de água e reservas, poluição, responsabilidade das instituições responsáveis pela coleta, seleção e conscientização da população, direito de viver e estudar sem ser afetado, consequências do gás para a saúde, para onde está indo o gás, consequências que causam à natureza e atmosfera e os efeitos que causam na população, responsabilidade do poder público e indenização moral para os alunos, já que apresentam dificuldades em aprender.

No bate-papo os estudantes afirmaram sentir dores na cabeça diariamente e as

relacionam ao cheiro do gás metano, que sentem quando estão em casa. Acreditam que os efeitos das dores refletem no ensino. Uma criança afirma que sua mãe, em casa, coloca pano no nariz dos filhos, para que possam respirar mais aliviados. Afirma, ainda, que quem mora nas proximidades do lixão se sente muito mal.

Ressalto que, de acordo com a coleta de informação, a maior parte da população ainda não concluiu o ensino fundamental e que uma orientação didática baseada na realidade e nos pressupostos que influenciam a cidade seria fundamental, pois os alunos não aprendem e os professores não conseguem entender o motivo de tanto retrocesso pedagógico.

Ocorre que existe uma população muito grande de crianças expostas ao gás, ou seja, inalam mas não sabem o efeito devastador do elemento químico. Essas crianças precisam de ajuda, e os pais ou responsáveis, se orientados, garantirão a proteção dos seus filhos.

Se uma atitude responsável e duradoura de caráter biológico não for tomada, crescerão e se tornarão adultos doentes, apáticos e sem esperança.

Frequentemente se percebe um número significativo de crianças reclamando de dor de cabeça. Não se pode afirmar que esses sintomas ocorram pela exposição ao gás, mas possuem características que levam a essa suspeita.

Não há um estudo geodemográfico na região direcionado a orientar a comunidade local, para que os professores e orientadores em geral tomem como ponto influenciador da educação na região, norteando problemas e apresentando solução prática relacionada à problemática comunitária. Os docentes também reclamam muito da agressividade com que os pais chegam na escola. No ano de 2018, encaminhei um pedido de investigação, denunciando ao Ministério Público do Distrito Federal e ao Conselho Tutelar, mas de lá para cá não tive mais notícias.

CACHORROS PELAS RUAS

A “RA” local é ciente da população de cachorros que existem nas ruas da Estrutural. No ano de 2018 foi feita uma denúncia no MPDFT, e também na CLDF, para que se apresentasse solução para o problema. No mesmo ano, um ofício foi encaminhado ao Centro de Zoonoses Central de Brasília. De lá para cá, deixei o assunto sob inteira responsabilidade dos profissionais. Uma família inteira de cães foi fotografada na região oeste da cidade. Dois filhotes se alimentavam do lixo que encontravam. Em outra região, também na cidade, encontrei outro cachorro, cego dos dois olhos, respondendo pela audição. Estava ao lado de um muro, aparentemente tranquilo e bastante sujo.

É visível o descaso com esses animais. Não existe um olhar voltado a eles e a suas necessidades. Não encontrei urbanização nessa região. Os animais fazem suas

necessidades fisiológicas ali mesmo, próximos a residências de ruas empoeiradas e casas de tapumes.

Caminhões circulam o tempo todo, provocando uma densa nuvem de poeira. Como consequência, há a propagação de doenças respiratórias.

DESCONHECIMENTO DOS PROBLEMAS LOCAIS

Sucedem que a alienação visível engloba moradores da região, entre eles alunos, em relação à geografia local e aos problemas estruturais que a cidade enfrenta. Também não conhecem na íntegra a exposição das crianças às mazelas da comunidade, como: crianças que chegam na escola com os pés sujos de barro vermelho, as mãos com barros pelas unhas, roupinhas sujas de barro.

Vale lembrar que a maioria dos docentes que atuam na educação pública local não mora na cidade, ou seja, a vivência deles em relação aos conflitos que acometem as crianças é mínima. Isso provoca uma repulsa em relação às crianças, já que presenciei alguns professores fazendo gracejos (“se eu baixar minha cabeça para ensinar vou pegar piolho, o que fazer?”).

O não conhecimento sobre a geografia local, os conflitos sociais e a biologia fazem com que os docentes cometam crimes graves.

A audição das crianças é aguçada, a visão também.

Imaginem as lembranças sádicas que levarão para a vida essas crianças, que não têm voz, já que não há exercício da cidadania e da educação. Elas reproduzem comportamentos agressivos porque essa é a sua vivência. Ainda em 2018 foi feita uma denúncia na Secretaria de Educação de Brasília, para que tomassem atitude em relação ao comportamento dos professores. A ouvidoria local respondeu e realizou-se uma reunião com todos os professores das principais unidades de ensino da cidade. O encontro foi registrado e fotografado.

COMUNIDADE SANTA LUZIA ESTRUTURAL

Região da comunidade com altíssimos índices de violência, onde a violação de direitos não é novidade para ninguém. Nas proximidades da Vila Olímpica está a comunidade, setor distante da região central, na qual falta um pouco de tudo. Não possui asfalto, moradores relatam que quando chove os pais têm que levar os filhos nos braços até o ônibus escolar, as ruas ficam alagadas e dificulta-se a passagem de pedestres.

Uma população visivelmente esquecida, construída como invasão, as residências são de tapume, cobertas com lonas e restos de madeira que a própria população encontra

e constrói, sem o menor acompanhamento ou planejamento.

As ruas são estreitas e dificultam a passagem dos moradores, que enfrentam lama e poeira frequentemente.

A iluminação é precária e o povo local faz as instalações, ignorando o risco de serem eletrocutados e mortos.

Ao adentrar a região já se percebe o descaso: ruas sem pavimentação, buracos que acumulam poças de água. A regra é se virar como pode. As dificuldades são parte da vivência local. Os moradores, desestimulados, não sabem o que fazer nem a quem procurar e muitos acabam por se acostumar com a situação.

Os problemas e a própria população são invisibilizados e, como consequência, a violência encontra espaço perfeito para se instalar e recrutar jovens para o submundo. A população de crianças é a mais prejudicada, pois precisam acostumar-se com a falta de urbanismo. Desafiadores da realidade, circulam entre casa e escola. Não há lazer, não há espaço onde as crianças possam brincar, então as ruas se tornam um lugar acolhedor.

O sofrimento da população é constante. É difícil estudar, pois há apenas 2 escolas na comunidade. O restante são creches e não são suficientes para atender a necessidade local. Os alunos precisam pegar ônibus para outras cidades para que possam estudar. É difícil trabalhar.

Como a população cresceu de forma desordenada, sofre bastante por isso. Precisam se desdobrar para ir a lugares simples como um mercado, por exemplo.

A educação é a única ferramenta capaz de reduzir a violência, fazer com que o povo se torne capaz de participar ativamente no processo de desenvolvimento e de transformação do espaço onde mora e, conseqüentemente, ser agente multiplicador de ideias inovadoras.

VIDA COMPARTILHADA COM ANIMAIS PELAS RUAS

A vida dos moradores compartilhada com animais que vagam pelas ruas não é o pior problema; o descaso, sim.

O lixo pelas ruas sem asfalto e poços de lama que exalam mau cheiro são alguns dos problemas mais comuns.

O setor é o mais próximo do lixão e, como consequência, é o que mais sofre com o esquecimento e a inalação do cheiro forte emitido pelo lixo. Um enorme desafio é dormir e acordar todos os dias com o mau cheiro.

Moradores lembram que crianças foram esmagadas pelos caminhões de lixo, que vinham deixar os depósitos da coleta seletiva ao longo do dia. Era comum crianças morrerem, relatam duas moradoras.

É comum ver crianças das mais variadas idades brincando pelas ruas, soltando pipas e correndo de um lado ao outro. É claro que sua exposição a essas condições, em um ambiente desorganizado e exposto a doenças, faz com o que o futuro de Brasília fique comprometido e permaneça uma comunidade ferida e doente, na qual a violência e a marginalidade se tornam uma saída para a sobrevivência.

Os perigos que rondam a vida das crianças estão por todos os lados. Há postes de energia improvisados que podem causar acidentes com morte, pois à medida que os moradores os instalam, puxam energia, improvisam construção com resto de madeira.

Os moradores sentem-se abandonados, desgastados, porque a desigualdade ampliada em relação às demais cidades do Distrito Federal contribui para a triste estatística, colocando a cidade Estrutural como a mais violenta de Brasília.

A esperança envelhecida de um futuro melhor é a única certeza que espera uma população na qual a maioria ainda não concluiu o ensino fundamental, acostumada a viver e sobreviver como o mínimo, uma vida na qual dormir e acordar ao lado das piores condições que um ser humano possa viver é a única certeza que eles possuem.

Após muita investigação e denúncias levadas às instituições responsáveis, percebi que na escola que trabalhei em 2018, aqui mesmo na Comunidade, Centro de Ensino Fundamental 02, era muito comum alunos reclamarem de dor de cabeça, dor no globo ocular e em outras regiões do corpo, bem como vômito. Estamos falando de crianças e até adultos, os quais, após identificados os sintomas, eram imediatamente levados à direção da escola para respirar um pouco ou tomar Dipirona para passar a dor de cabeça. Caso contrário os pais eram acionados e os alunos iam para casa. Como não há escolas de ensino médio exclusivamente, e a maioria dos alunos precisa se deslocar para outras cidades para poder estudar, não há um sistemático esclarecimento sobre os efeitos possíveis que podem causar a queima de um resíduo, esclarecendo, assim, a comunidade sobre os riscos que correm. Acredito que isso impossibilita questionamentos da história local. Dessa forma os moradores ficam à mercê do que lhes é atribuído, e passam a sofrer as consequências disso.

Um problema silencioso, que tem causa devastadora. A inalação de partículas no ar, provenientes da queima do lixão, pode causar, por exemplo, má formação de um feto, câncer de pulmão e outros problemas respiratórios.

Passei a fazer diversas perguntas após a coordenação de uma escola local dizer que os alunos da Estrutural não conseguem aprender, e que o número de laudos é assustador, comparado a outras cidades onde ela trabalhou, sem contar os professores que chamam os alunos de burros, por não terem o mínimo de conhecimento do que está acontecendo. Isso é um problema claramente grave, porque expõe as más instruções da Secretaria de Educação do Distrito Federal e a fragilidade das instruções dadas aos docentes antes de

virem à comunidade para lecionar.

Toda preocupação decorre de que, certo dia, eu estava pronta para ir ao trabalho como educadora social. Depois que terminei de almoçar fiquei sentada, assistindo televisão e esperando a hora certa de ir à escola. Passei a bocejar muito e, de repente, caí num sono muito forte. Acordei assustada e com medo, coração acelerado, pois senti um cheiro muito forte de gás e estranhei, porque no momento era um cheiro estranho, um tipo de mistura de esgoto com gás. Fui para a escola e passei a desconfiar daquele sono pesado do qual quase não acordava, o corpo muito pesado. Eu conheço o cheiro de um esgoto, qualquer pessoa que mora na comunidade conhece um cheiro de esgoto ou um cheiro de urina, mas aquele odor me intrigou muito.

Outro dia, ao acordar assustada e com medo, deparei-me com um tipo de gosma tapando minha respiração. Pela segunda vez acordei trêmula e me engasguei com uma bolha grossa de saliva na garganta. Parecia que eu estava engasgada, passei alguns minutos tentando alinhar a respiração, mas aquele bolo de saliva me incomodava, e havia a presença daquele cheiro muito forte de gás novamente. Peguei a toalha e passei a sacudir para que aquele cheiro fosse embora. A partir daí senti muita dor de cabeça, nos olhos e no corpo, então passei a pesquisar com os vizinhos se eles sentiam aquele cheiro também, e alguns me relataram terem os mesmos sintomas que eu senti: dores nas articulações dos braços, dos pés, do pescoço e etc.

A relação da comunidade Estrutural com o segundo maior lixão do mundo é íntima. Crescer e desenvolver a própria história ladeado ao lixão é a parte da vida de quem mora ou morou no local. Dividir os mesmos espaços com ratos, baratas e diversos insetos foi parte do cotidiano dos moradores ao longo dos anos, além de crianças que usavam brinquedos que encontravam nas ruas, moradores que se alimentavam também do que encontravam no espaço do lixo ou em locais em que eram vendidos, abaixo do custo, peças de roupas, sandálias, bijuterias, brinquedos e até alimentos como enlatados, arroz, feijão, macarrão e carne. Uma verdadeira fartura não encontrada em qualquer lugar do mundo. Assim os anos se passavam e a comunidade sobrevivia e criava seus filhos. A população que ajudou a construir a história de Brasília vivia transformando rejeito em material de primeira necessidade. Aqui se lança uma pergunta: em períodos de chuva intensa, os resíduos químicos, na época ignorados, não se espalhariam? A resposta é óbvia. Mas para onde foi esse material? Talvez estejamos inalando ou ingerindo água e alimentos contaminados sem perceber. E quais são as consequências do descaso? Não se pode negar que perdurou, por muito tempo, o desejo do estado do Distrito Federal em remover a população do local, que resistiu com todas as forças de que dispunham, afixando a própria vida e construindo sua história com trapos e rejeito da elite na época, até o relutante fechamento do espaço. Os anos foram se passando e, com eles, apresentou-se o resumo de todo descaso e da irrestrita responsabilidade do governo em, pelo menos, tentar preservar o que restou da

cidadania dos moradores da comunidade. O estado não pode negar sua omissão, falta de planejamento alinhado à realidade local com a participação dos moradores, o que poderia reduzir ou evitar muito do ocorrido.

O exposto sobre a relação da comunidade com o lixão, a escola e a comunidade revela que é preciso uma participação proximal do estado com a comunidade diretamente atingida, impedindo, assim, que muitos alunos sejam afetados com esse problema silencioso.

O lixão da Estrutural, considerado o maior da América Latina, funcionou durante pouco mais de 35 anos, e foi desativado parcialmente em 2017. Hoje o que se vê são caminhões de lixo inorgânico diariamente despejando materiais no local. Surgem perguntas: mesmo adormecido, o gigante não é capaz de exalar? Quais os tipos de problemas que alguém pode sofrer se exposto diariamente a algum tipo de elemento químico? E o que isso pode causar à sua saúde?

O segundo maior do planeta em extensão, e o maior da América Latina, foi a maior e pior representação de tudo que foi produzido em larga escala, pela população do Distrito Federal. Nos relatos de quem trabalhou no lixão, impulsionados pela necessidade financeira, comentam-se as péssimas condições de trabalho enfrentadas pelos catadores, desde o mau cheiro diário inalado, até as agulhas e restos hospitalares encontrados no lixo molhado. Uma tarefa muito difícil encontrada lá dentro. Qualquer pessoa com sensibilidade era obrigada a adaptar-se àquelas condições; era um tipo de trabalho quando você não tinha mais para onde olhar e nem onde procurar, então trabalhar no lixão foi a possibilidade de serviço que muitas pessoas encontraram para gerirem uma renda e se manter. No horário de almoço, as pessoas se alimentavam em meio ao lixão, juntamente com filhos (crianças pequenas), ou amigos próximos com quem conviviam diariamente, sentadas em meio ao lixo, sem proteção nenhuma, sem luvas e sem máscaras. E a refeição ocorria ali mesmo, entregue a tudo e a todas as piores condições que um ser humano pode encontrar para sobreviver.

Muitos acreditavam que estavam trabalhando em uma situação normal, enquanto eram expostos a doenças no meio de resíduos químicos, restos de material vencido e muita sujeira.

O trabalho no lixão pode ter sido uma oportunidade de ganho a muita gente, mas pelas condições que podemos imaginar, é claro que não representa, em nada, qualquer condição digna de trabalho a qualquer ser humano em lugar nenhum. As carretas chegavam a todo momento para despejo do material e, ao se aproximarem do local, encantavam as pessoas – incluindo mulheres e crianças -, que ficavam alucinadas. Ficavam tão perplexas com a caída do lixo, que ignoravam o risco que corriam de serem esmagadas pela máquina esteira. Com medo de outra pessoa pegar algo de valor, ou de alguém pegar algo melhor, acabavam por descartar o perigo, esquecendo-se de que poderiam morrer ali mesmo.

Muita gente perdeu a vida por conta do descuido com a esteira.

“Várias pessoas perderam suas vidas, por conta dessa esteira, porque a loucura era tão grande, que as pessoas não se davam conta e a máquina passava por cima [...]” (Relato de uma ex-catadora).

O lixão exalava suas próprias características - uma delas é o mau cheiro - e os catadores, ao perderem a sensibilidade, respiravam aquele ar o dia inteiro. Alguns chegavam em casa com enjoo e não conseguiam nem comer e nem dormir e sentiam certas dores de cabeça sem explicação. Aqui já sabemos que o lixão é um produtor de gás, e esse elemento se espalhava em meio ao lixo na parte seca. Sem que fizessem nada, era comum os catadores sentirem o piso aquecido e, de repente, surgia o fogo e queimava todo material.

Os anos se passaram, os tempos mudaram e o comportamento de muita gente acompanhou essas mudanças. Mas muitos ainda insistem, por algum motivo - seja pelo desemprego ou pela falta de informação -, em produzir lixo em larga escala. Todavia, ainda há algo de certo: ainda existem pessoas que querem o retorno do lixão.

O gigante latino está adormecido debaixo de muito material denso, como concretos, resultante da construção civil em Brasília, e hoje é aterro sanitário. Porém, sabemos que, mesmo submerso, o gigante oferece risco persistente na sua produção diária de chorume e gás. Esses elementos são prejudiciais à saúde de qualquer pessoa e, se não coletados de forma correta, podem chegar às residências por meio de córregos, por exemplo. Ao lado da comunidade, circula um córrego com olho d'água, e uma das nossas preocupações é a de que esse lençol seja caminho de propagação de algum material químico pesado. Pressupõe-se que a comunidade esteja vivendo ao lado de um inimigo invisível. Essa suposição provocou perguntas e, se de fato a suspeita for comprovada, poderia explicar por que há tantos laudos em escolas públicas da comunidade. Para se ter uma ideia, contabilizamos em uma única unidade de ensino 98 laudos comprovados; em outra escola, também da comunidade, encontramos 37 laudos. Observem que estamos falando de apenas 2 unidades, com ensino fundamental e médio, apenas no ano de 2020. E os anos anteriores? É preciso considerar, em relação às outras cidades, a população da comunidade, que é de aproximadamente 40 mil habitantes, e muitas creches particulares espalhadas pela cidade, sem contar a quantidade exagerada de alunos que estudam em outras cidades como: Guará, SIA- Setor de Indústria e Abastecimento-DF e a cidade de Cruzeiro, que são circunvizinhas que recebem um significativo quantitativo de alunos nos 3 (três) diferentes turnos, vindos da cidade Estrutural.

Esclarecemos que não estamos afirmando nada, apenas fazendo suposições, mesmo porque não somos cientistas e não temos equipamentos para comprovação dos questionamentos. Estamos aguardando do Ministério Público, que já foi acionado, um posicionamento sobre a situação. Estamos levantando suposições porque moramos aqui.

Observem que, de fato, existe um número expressivo e preocupante de laudos e, de tudo o que foi falado até agora, quero que percebam o quão danoso é o resultado da queima do material, tanto para as pessoas quanto para o meio ambiente. Percebam que o lixão nunca deixou de prejudicar pessoas, sejam catadores, sejam moradores. Mas não podemos nos silenciar e fingir que nada está acontecendo, diante de um exposto e silencioso problema, que é de responsabilidade de todo Distrito Federal, o qual produziu em sua totalidade mais lixo do que toda comunidade.

DIREITOS HUMANOS VIOLADOS

A elucidação esclarece que houve claras e inegáveis violações de direitos humanos coletivos irreparáveis. A violência policial da época, as ordens para que desligassem a água e a luz da população, em uma de suas tentativas fracassadas de remover os moradores, construíam a história em meio a desigualdade e violência. Muitos dos moradores que, unidos, conseguiram vencer a força do estado, foram embora, porém, muitos ainda resistem em viver no local, felizes por terem conseguido um pedaço de terra e por terem conseguido construir uma casa. Mas as marcas trazidas pelas lembranças ainda estão presentes em quem viu de perto tudo que aconteceu. São assombrosas as histórias contadas pela R., uma senhora que mora no bairro do setor leste, com alguns cachorros, em uma casa simples de piso grosso, metade de tapume e metade de tijolos. Ela e suas irmãs lembram o desprezo que restou da política de Cristóvão, o governador de Brasília na época. Evangélicas e conhecedoras da realidade que elas mesmas viveram e descrevem, desprezam até as falas do conhecido político. Deixo claro que, a partir dessa pesquisa, são de conhecimento das autoridades públicas do Distrito Federal algumas das violências deixadas pelo gigante latino, que puderam ser colhidas e apresentadas.

Título a Brasília

Pelo empenho em produzir tanto lixo

Pelo empenho em desconstruir a dignidade de quem mora nas proximidades do lixão.

Por produzir tanto cheiro ruim. Obrigado, Brasília, Taguatinga Ceilândia

Obrigado, Brasília, Paranoá Itapoá Obrigado, Brasília, Samambaia Guará Obrigado, Brasília, Riacho Bandeirante, Obrigado, Brasília, jovem menina.

Parabéns por tirar das pessoas o privilégio de respirar ar puro e, o pior, fazer com que as crianças tenham vergonha de dizer onde moram.

(Natalha Claudinei Silva Nascimento)

OBJETIVOS GERAIS

O interesse no referido projeto é saber se realmente estamos expostos a algum tipo de gás ou até a outros elementos químicos perigosos, e que prejuízo mental esse suposto componente pode causar - ou está causando - à comunidade pedagógica discente e à comunidade local em geral. Posteriormente, pretendemos torná-la pública junto a autoridades competentes - se for o caso, levá-la ao conhecimento do GDF, e de quem possa interessar. De certa forma, buscamos conscientizar a população sobre os riscos da exacerbada produção de lixo e seus efeitos posteriores, para que as gerações futuras não venham a sofrer com problemas relacionados a elementos tóxicos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Nossas reais preocupações são com as supostas e possíveis vítimas no passado e no presente, para que detectemos, de fato, o que está acontecendo (se estamos expostos ou não). Aplicamos uma pesquisa direta com a comunidade discente local, compararemos e analisaremos dados obtidos a fim de detectar o suposto problema, buscar e apresentar soluções, evitando percalços no futuro. Assim, teremos um logo caminho para percorrer e, pelos menos, tentar esclarecer essa situação, educar a sociedade de maneira consciente a fim de que reflita sobre os anos que antecederam a produção de lixo; a produção diária, semanal, mensal e anual de produtos tóxicos, orgânica e sólida. Objetivamos a reflexão sobre os prejuízos que a degradação do material pode causar à sociedade e ao meio ambiente, de maneira globalizada.

JUSTIFICATIVA

Queremos que saibam a importância do conhecimento de área e o quanto o estudo pode esclarecer e evitar sofrimento e dor a alguém.

Se a comunidade fosse mais esclarecida, saberia totalmente que a queima do lixo é um elemento perigoso para a saúde das pessoas e passariam a conscientizar-se mais.

O enredo da pesquisa se preocupa com as grávidas, com os deficientes, com os idosos - pela fragilidade, com os bebês, supostamente afetados diretamente no colo do útero da genitora, com as crianças na escola, que não conseguem aprender o conteúdo ministrado pelos docentes, com a comunidade transgênero e sua saúde mental, com a saúde ocular e óssea de toda comunidade em geral, que pode estar sendo diretamente afetada por esse problema invisível.

Estrutural é uma comunidade com aproximadamente 39 mil habitantes. Desses, segundo o próprio GDF, mais da metade da população ainda não concluiu o ensino fundamental e não há registro de pessoas com especialização de mestrado e doutorado

(PDAD, 2013).

Há apenas 5 escolas públicas na comunidade. Em 3 funcionam da educação infantil até o 3º ano do ensino fundamental na primeira fase, e em 2 escolas funcionam a segunda fase do ensino fundamental e a EJA noturno. Isso não é suficiente para tirar a comunidade do abismo da ignorância. A maioria dos alunos estuda em regiões administrativas circunvizinhas, distantes da própria realidade. Acredito que nem sabem elaborar perfeitos questionamentos sobre o gigante que dorme embaixo de suas casas e o risco que ele pode ter deixado ao longo dos anos. Imagino que também podem sentir os mesmo efeitos do gás, mas que não sabem a origem e nem a quem recorrer.

Emocionou-me muito o relato de uma criança que dizia que sua mãe colocava um pano molhado no rosto de sua irmã recém-nascida para que ela não sentisse aquele cheiro, que era muito forte. Percebam que o resultado desse problema não ficará somente ali, ele irá perdurar durante a vida do sujeito, afetará seu cognitivo e, conseqüentemente, sua aprendizagem. Será que existe alguém responsável por isso?

A ingestão do gás se dá via nasal e oral. Ao entrar no pulmão e na corrente sanguínea, não sabemos mais o que pode causar de prejuízo à saúde. Apenas especialistas no assunto podem nos dar uma resposta à altura do questionamento.

PROBLEMÁTICA

O que fazer diante disso, já que sabemos pouco sobre o que o gás pode causar à saúde das pessoas?

Esperamos que o estado, no caso o Distrito Federal, possa apresentar solução efetiva e prática diante do problema exposto e evitar que a comunidade seja prejudicada por uma consequência daquilo que ela mesma não produziu, o lixão. Esperamos, também, que as autoridades levem a população do Distrito Federal a refletir sobre questões ambientais e humanitárias, sem excluir a população dos transgêneros.

As autoridades precisam cientizar-se diariamente sobre o lixão da Estrutural. Além disso, conscientizar a comunidade local e regional sobre perigos, cuidados, porque os resíduos do lixão não afetam apenas a comunidade local ao inalar o gás. Se não for bem controlada, pode afetar todo o Distrito Federal. Nossa preocupação também é com os pequenos lençóis freáticos que circundam a Estrutural e banham o Distrito Federal.

Na prática, é preciso um estudo de caso que ligue a suposição à realidade. Isso só será possível se especialistas se interessarem por nossa causa e, de certa forma, sentirem-se sensibilizados com questões climáticas e ambientais, que não são apenas responsabilidades do estado, mas de toda população.

Temos que, de fato, nos questionar sobre os efeitos danosos que o lixão possivelmente

possa ter deixado para a Estrutural, pois eram despejadas diariamente toneladas e mais toneladas de resíduos de diferentes composições, densidades e de distintas cidades do Distrito Federal, a céu aberto, classificando o espaço como o maior lixão da América Latina e o segundo maior do planeta.

HIPÓTESES

Quando iniciei como educadora social em uma escola da comunidade, era muito comum entrar na escola, principalmente na sala dos professores, e perceber que os docentes reclamavam muito sobre as dificuldades dos alunos em aprender e em assimilar conteúdo.

Esse desconhecimento da causa local por parte dos docentes, e de toda estrutura didática pedagógica, fez com que muitos professores cometessem erros graves, que foram levados à Regional de Ensino do Guará, que, em sua importância, seria o agente fiscalizador das unidades de ensino dentro da comunidade.

Com a desconfiança de que o gás liberado seria o agente causador da apatia nos alunos, em tese, passei a esclarecer aos coordenadores e direção da escola de que havia algo de muito estranho acontecendo na comunidade e que eu mesma já havia sentido isso dentro da minha casa.

Em 2018, com supervisão da secretaria, cheguei a visitar a escola Colégio 01, frequentar as salas de aula e conversar com alunos que moram na comunidade, e que possivelmente estariam sendo afetados pelo gás silencioso. Colhi alguns relatos, que foram gravados e anotados. Assustou-me a quantidade de reclamações de vários alunos. Posteriormente essas reclamações foram levadas às instituições para que se responsabilizassem e tomassem algumas providências. Dentre essas instituições estão a Comissão de Defesa de Direitos Humanos da Câmara Legislativa do DF e a Ouvidoria do Ministério Público do Distrito Federal - MPDFT. Também cheguei a enviar diversos e-mails a instituições ligadas à saúde e ao meio ambiente, como o Ministério do Meio Ambiente, Ministério da Saúde, a Secretaria de Saúde do Distrito Federal etc.

Como o número de alunos que reclamavam de dor de cabeça, dor nos olhos e vômitos era grande, acredito que possivelmente estamos expostos a efeitos de algum tipo de gás. Pelo que percebi, esse elemento tem afetado o cognitivo da comunidade estudantil.

De fato, há algo de estranho. Foi essa estranheza que me fez tomar algumas atitudes mencionadas nesse trabalho, o qual espero que seja de relevância para a comunidade do Distrito Federal, em especial para a saúde da comunidade transgênero que mora, trabalha e vive dentro da comunidade Estrutural.

METODOLOGIA

A pesquisa será realizada nas unidades públicas de ensino, dentro da comunidade e adjacentes, onde se aglomeram números significativos de pessoas de diferentes idades e regiões. O prazo para execução é o mês de fevereiro, acompanhando o 1º bimestre de 2020, até que tudo esteja pronto. Porque temos que realizar parcerias com outras instituições, enviar ofícios para a Secretaria de Educação do Distrito Federal, a fim de que possam acompanhar os trabalhos na coleta de informações com alunos em diferentes turnos, sem que ninguém seja constrangido ou se sinta constrangido na coleta. Tudo com o objetivo de perceber se, de fato, há alunos com a saúde prejudicada devido a algum elemento exposto no ar.

A pesquisa irá materializar, por dados escritos, as reclamações feitas pela comunidade discente em 2018 e colhidas no Colégio 01, levadas ao MPDFT e CDHCL-DF no ano que antecede o turbulento 2019.

Com base nas falas (reclamações) dos alunos ampliaremos o campo de observação em diferentes pontos. Feito isso e com os dados em mãos, pediremos uma atuação maior do estado, caso seja necessário, em relação à saúde da comunidade transgênero e cisgênero.

Porque nós aprendemos a viver com o exalo ruim emitido pelo lixão, não sabíamos que o exalo externo sumiria paralelamente com o tempo, e que mesmo desativado seria tão perigoso quanto em atividade.

Se houver prejuízo mental, que tipos de medidas podem ser tomadas para evitar problemas futuros e redução de danos? Porque, pelo que parece, é impossível fazer com que o lixão deixe de exalar, embora agora o faça de forma tímida e muito mais perigosa.

PESQUISA DE CAMPO

Escola/ alunos(as)	Alunos(as) com deficiência	Alunos(as) com transtorno	Nº de laudos	Alunos(as) com outras necessidades	Total de alunos pesquisados
Ec-02	14	11	28	03	x
Cei-01	06	0	06	x	x
Ec-01	12	09	22	01	x
Colégio 03	55	41	98	x	x
Colégio 01	19	18	37	x	x
Cef-03	02	14	19	03	x
-----	-----	-----	-----	-----	Total - 210

REVISÃO DE LEITURA

Revisamos alguns estudos relacionados ao lixão da Estrutural, feitos por jornais em Brasília, e observamos como eram recorrentes as mortes por esmagamento dentro do espaço do lixão, as brigas entre os próprios catadores, conforme referido em uma matéria pelo *Portal G1- Globo*, publicada no dia 20/01/2019.

Além da pesquisa com a publicação, foram feitas coletas esporádicas de informações com moradores, antigos catadores, que diziam que o lixão era um perigo eminente, e que ao ficar em pé no lixo os riscos surgiam de qualquer parte; que o lixo molhado era mais seguro do que o lixo seco. Havia lá muitas brigas, disputas pela coleta do lixo etc...

Uma coisa é certa: o lixão é parte da história da cidade Estrutural e de seus moradores que sobreviveram, durante anos, da coleta de material reciclável. Como se refere a matéria do *Jornal Metrôpoles*, divulgada em 14/07/2019.

Se for comprovado que a quantidade de laudos mencionados se deve à exposição de algum agente químico, alguém deverá ser responsabilizado.

FASE COMPLEMENTAR DO LIVRO

O LIXÃO DE BRASÍLIA E AS SÉRIAS VIOLAÇÕES DE DIREITOS HUMANOS

Desesperada, em uma rua da comunidade, à noite, sentada no meio-fio e chorando bastante. Essa era a situação da moradora da comunidade que encontrei. O que eu não sabia é que ela dedicou bastante tempo de sua vida trabalhando no lixão.

Ofereci ajuda emocional, falei que tudo ia ficar bem, que era apenas uma fase, que tudo ia passar. Após dias do ocorrido nos encontramos novamente. Ela, sorridente, agradeceu-me por tudo. Conversamos bastante no dia seguinte e cada uma seguiu sua vida.

O que eu não imaginava era que, anos depois, descobriria que ela fez parte da construção da história do lixão de Brasília e que tinha muito a contribuir com minha pesquisa. A partir daí, entrei em contato com ela e pedi informações sobre sua vivência no aterro.

Levo em consideração que muitos dos que dedicaram parte de sua vida trabalhando na coleta de material reciclável foram embora da Estrutural, como é o que caso da mulher entrevistada.

Atualmente trabalha na cidade de Ceilândia, no Distrito Federal, e reside na cidade de Águas Lindas de Goiás, região de divisa. Ela traz à luz lembranças que retratam sua trajetória no lixão.

Ao lado do filho de 8 anos de idade, a catadora relembra os 20 anos de muito trabalho dedicado ao lixão de Brasília. Recorda ainda dos amigos, também trabalhadores, que morreram quando a máquina passou por cima deles.

“Minha vida no lixão foi bastante sofrida, em momentos que a gente ganhava bem, ali estávamos expostos a todo tipo de coisa, a saudosa Naninha, o Big Brother, aquela máquina lá, passou por cima deles, ali vimos muito sofrimento e a cidade estrutural foi construída em cima de muito sangue, dali eu tirava meu sustento, passei muitas coisas ali, meu filho hoje tem 21 anos, é um homem e ainda trabalha comigo, me ajudou muito na época, na época eu não podia levar muito lixo, mas como eu era mãe solteira nós subíamos para trabalhar e meu filho subia, tinha um tal de carreta que jogava o lixo, tinha dias que não dava pra você ganhar o suficiente aí a gente pegava e se alimentava praticamente daquele lixão, ali a gente comia, vestia, calçava, comia tudo do lixão, assim que saiu a gente sentia muita falta, mas graças a Deus saiu pra melhora da cidade, mas a gente sentiu falta, ali era nossa grande renda, muita coisa aconteceu ali que me recordo. Minha vida pessoal está muito ligada com a vida do lixão, porque foram mais de 20 anos da cidade Estrutural então faz parte da minha vida ali dentro, tudo, tudo, tudo, primeiramente Deus, tudo que eu conquistei foi através do lixão ganhando meu sustento ali. Cheguei a ganhar muito dinheiro,

mas só que eu não ia direito né, só ia mais era na quarta, quinta, sexta e sábado, às vezes eu ganhava 300 reais por noite, mas eu não ficava a noite toda, ficava de 18 horas da tarde até meia noite ou até à 1 hora da manhã. Eu descia, o seu Capixaba, o saudoso Capixaba, ele comprava meus begue, esqueci o nome da família dele, ele morava na portaria do lixão. Muita coisa me marcou, mas o que mais me marcou foi a morte do Big Brother, o caminhão passou por cima dele, nossa, aquela empilhadeira foi o que mais me marcou, meu filho na época era pequeno, tinha 7 a 8 anos, ele ia pro lixão comigo trabalhar comigo, porque se fosse hoje seria até serviço escravo, mas naquela época a gente tinha que sobreviver, várias crianças no lixão, crianças nossas, crianças de várias idades, adolescentes. Já pessoas enterradas no lixão eu não sei se tem, mas que morreu muita gente, muita gente lá, fia, morreu muita gente, naquele lixão da Estrutural, que Deus tenha eles num bom lugar, aquela Estrutural foi construída praticamente com sangue, teve aquele negócio da invasão, naquela época, que o Cristóvão queria tirar nós de todo jeito, nós sofremos um bocado ali, é, mas graças a Deus deu vitória pra nós, né, hoje eu não moro lá mas eu sinto muitas saudades da minhas colegas, das minhas amizades, hoje eu moro em Águas Lindas de Goiás, mas aquela época, ali foi o início de tudo. Se eu tenho casa, se eu tenho carro, se meu filho está bem empregado hoje, se meu filho está fazendo faculdade, tudo começou ali, ali foi o começo de tudo, meus 3 filhos, né, mas o filho que me acompanhava mesmo foi o meu filho D., a É. e L. não me acompanharam, não, mas o D. me acompanhou em toda minha trajetória ali dentro, ali na Estrutural, eu morei em vários setores, mas o primeiro que morei ali na Estrutural, foi na antiga 15 no setor oeste que hoje é 5, né, aí depois eu morei na 12, depois eu morei na... eles inventaram uma tal de vila lá, ali perto do lixão, morei aí também no setor oeste, nas casinhas, que foi o último lugar que morei da Estrutural, que eu cheguei a morar, ali eu fui praticamente largada ali dentro, eu tive problemas de pele, deu feridas no meu cotovelo, a minha pele coçava, muito, muito, muito, muito, até hoje eu tenho, como que se fala coisas de lá, porque foram muitos anos, não foi nem 1 nem 2, foram muitos anos dentro daquele lixão, ali a gente era esquecido de tudo. Hoje não, hoje catador é um nome bonito, hoje eles botaram agente ambiental, hoje é vários nomes, mas antigamente, ninguém dava valor em catador não, fia, catador pra eles não valia nada, hoje não, hoje é, estão fazendo coleta seletiva, hoje a coisa está muito bonita, mas no início não foi bonito não. Na época de política, muitos iam, abraçavam a gente, depois que passava as políticas, nem sinal não dava mais, teve uns que dava telefone e dizia: 'olha a gente vai conseguir um serviço pra vocês melhor, num sei o que, num sei o que', então quando era no período de política a gente conseguia se comunicar com eles, mas quando passava as políticas sumia, desaparecia, igual hoje, hoje é mesma coisa. Eu sinto falta do lixão pelo dinheiro, que a gente ganhava muito dinheiro, se você arrochasse lá, minha filha, você ganhava dinheiro, mas tirando

o dinheiro, sinto falta não, só sinto falta do dinheiro, a gente ganhava bem, não é igual hoje, essas cooperativas não, que a pessoa ganha 200 reais, 300 reais, essas cooperativas agora de catadores. Na época a gente catava nossos materiais e nós mesmos vendia, não tinha atravessador, né, aí eu sinto falta pela parte financeira, mas tirando a parte financeira, não sinto falta não”.

(A.S.P., ex-catadora no antigo lixão da Estrutural. Por 20 anos).

A Associação Internacional de Resíduos Sólidos elencou o lixão da Estrutural como o maior do mundo em 2021. A cidade Estrutural não tem mais aquela agitação densa de caminhões carregados de lixo e entulho. Quando o espaço está aberto para despejo, apenas veículos com material denso podem fazer a evacuação. Mesmo assim, quem levanta cedo para trabalhar ou fazer atividades ainda acompanha de perto uma certa agitação de caminhão carregado de entulho.

A podridão da decomposição de matéria orgânica, outrora trazida pelo ar, tornou-se lembrança. De longe é possível perceber pequenas manchas verdes que tomaram espaço no planejamento do aterro.

O barulho dos motores dos veículos, hoje, dão espaço ao silêncio e a pequenos e depredados parquinhos de exercício, recepcionando mulheres, idosos e jovens interessados em atividades físicas.

Aterrado, o antigo lixão torna-se apenas lembrança para aqueles que têm saudades do tempo passado e da época em que ganhavam um dinheiro trabalhando perto de casa, catando material reciclável.

Muitos dos catadores que conheceram de perto a realidade do lixão hoje usufruem a vida na cidade, por terem conseguido conquistar a casa própria com os frutos do trabalho pesado.

Conhecedores das dificuldades do trabalho pesado da coleta, alguns desses trabalhadores ainda sentem saudades da época do lixão ativo, reclamando da sua desativação. Acostumada com o material, a “Baiana”, como é conhecida na região, diz que sente saudades da época em que conseguia trabalhar e criar os filhos, lembra também da perda do filho pela violência. “Eu ainda subo lá em cima, e levo flores para a fulana que morreu, sinto falta do lixão”. Baiana relata que ouve a voz dessa amiga, já morta.

Que o lixão marcou a vida de muita gente, isso não se pode negar: casamentos já foram realizados dentro do aterro, catadores já encontraram pacotes de dinheiro e devolveram para o dono, enfim, há muita história para contar.

Essa é uma parte da história de Brasília, que não é contada nos enredos da escola de samba ou em livros, mas o certo é que pertence, de alguma forma, à construção da história da capital federal.

Considero uma arrogância estúpida ignorar todo o processo revolucionário dos moradores e catadores do aterro, para dar luz apenas a lugares frequentados por políticos trapaceiros, profissionais do Congresso ou do Senado Federal. Os verdadeiros construtores de Brasília não podem ser esquecidos pela história.

São muitas as histórias contadas por quem viu de perto o que ocorreu dentro do aterro, histórias essas que ficaram marcadas para sempre na memória de quem participou ativamente da história do Distrito Federal. Não se pode permitir que esqueçam ou que apaguem as marcas deixadas pelo tempo.

Brasília é um lugar bonito, de geometria impecável, a qualidade de vida é boa, mas não é todo mundo que consegue sobreviver nesse lugar, que abriga muitos políticos poderosos. É também a capital dos escândalos econômicos internacionais. Na capital do país da má distribuição de renda há o contraste entre a riqueza e a pobreza, a igualdade e a desigualdade, entre quem é lembrado e quem tem por obrigação ser esquecido.

Direitos humanos violados (continuação)

O documento abaixo fez parte do processo de instrução e julgamento de 2018, movido por mim no Tribunal de Justiça de Brasília, onde dei palestra de caráter educativo e social para aproximadamente 40 funcionários de uma pastelaria, na qual fui vítima de violência física e psicológica. No momento foi-me aberto espaço para que eu abrisse mão de uma indenização e oferecesse palestra de caráter educativo aos funcionários da pastelaria.

“A melhor forma de compreender as diferenças é estando próximos dela”.

Ray marshal

Valores Coletivos:

- 1 – Respeito.
- 2 – Generosidade.
- 3 – Desconstrução da violência.

Professora: Natalha Claudinei Silva Nascimento. 24/08/2018

O desejo por liberdade individual e coletiva dos indivíduos fez com que muitos se libertassem das carceragens nas quais eram prisioneiros. Independência religiosa: a divisão de evangélicos e católicos ao longo da história desencadeou uma série de mortes, inclusive de crianças. Independência regional: Brasil versus Portugal. Liberdade física: no caso da abolição da escravatura, hoje os indivíduos são livres, porém a preço de sangue. Esses exemplos são a prova covarde e clara de que a falta de respeito tem consequências devastadoras, por vezes irreversíveis, e a ausência do respeito promove a discussão, homicídio e o genocídio dentro dos grupos.

A natureza, por si só, promove a diversidade entre as classes de indivíduos macro e

micro: entre pessoas, animais, bactérias e vírus, por exemplo, é possível identificar que a diversidade vai além do nosso alcance óptico.

Geralmente, quando crianças, nós nos perguntamos o porquê disso ou daquilo. Dessa forma, você deve ter se questionado sobre as diferenças entre as pessoas. Bom, eu também já me fiz essa pergunta por diversas vezes. Dentro da biologia, pode-se encontrar uma resposta. Ela afirma que se todas as pessoas fossem iguais e apenas uma tivesse uma anomalia genética, todas iriam adquiri-la como herança genética. Eis aí a importância da diversidade. Vamos tomar como exemplo um grupo de albinos: somos entendedores de que os albinos recebem essa característica por condicionamento ou herança genética, certo? Pois bem: se apenas um albino desencadear uma característica genética, o grupo, conseqüentemente, estará ameaçado de extinção. A natureza propõe, na miscigenação, o bloqueio dessa anomalia. Olha que bacana! Essa miscigenação promove a intervência natural e respeitosa entre a diversidade e, propositalmente, a mistura genética fortalecida. A diversidade promove entre os grupos o desenvolvimento de uma raça com características genéticas mais fortalecidas.

O Brasil possui uma densidade geográfica e demográfica continental. Em sua história, há registros de conflitos, em que um grupo não entende o comportamento do outro, causando, assim, sofrimento. A escravidão é um exemplo disso e a abolição é a ruptura.

RESPEITO É A ÚNICA MANEIRA SAUDÁVEL PARA QUE PROSSIGAMOS SEM GERAR SOFRIMENTO E NEM DOR. RESPEITE AS CARACTERÍSTICAS PRÓPRIAS DE CADA UM.

A falta de respeito no Brasil, aliada à ignorância e à HIPOCRISIA, tem, nos últimos anos, desencadeado uma onda de exclusão e violência contra as pessoas transgêneros. Ou seja: não basta excluir, é preciso matar. O país da nudez, da prostituição e dos escândalos econômicos é também o país que mais mata, de forma covarde, travestis e transgêneros no planeta. É o Brasil.

O documento abaixo foi distribuído após campanhas de conscientização dentro da comunidade Estrutural-DF, sobre violência e exclusão, em todas as escolas públicas da cidade, e rodas de conversas em repartições públicas.

Respeito não tem preço.

Qualidade pessoal indispensável que deve ser exercida no coletivo. Não é necessário muito esforço para compreensão dos benefícios do respeito. É necessária a compreensão de que a falta dele pode causar mal a alguém. Assim como o ar que respiramos, o respeito também preenche, e pode ser notado por quem possui e por quem recebeu de quem possui.

Digamos que na sua rua passe diariamente um catador de lixo, e passem por ele cerca de 101 pessoas. Só que dessas, apenas uma pede licença, agradece pelo lixo coletado na sua porta e lhe dá um bom dia. O catador perceberá algo diferente, concorda?

Percebam a importância do respeito. Respeitar é ajudar a conservar a dignidade de vida alheia.

A ação do respeito, por si só, é capaz de fazer com que alguém se compreenda como parte do mundo, do país ou do grupo ao qual pertence.

Respeito constrói!

O exercício do respeito nos leva a um estado de equilíbrio, de domínio, assim como a falta de respeito pode levar alguém ao estado de desequilíbrio, de descontrole de si.

No meu ponto de vista não há dinheiro no mundo que compre o respeito, isso não está à venda. É algo muito especial, inanimado, sensível e muito, muito saudável.

Como se diz nas periferias, “respeitem a quebrada”, “respeito é bom e conserva os dentes”. Ou seja, respeito é bom e todo mundo gosta.

Se você tem dificuldades de respeitar, sugiro que conheça as qualidades individuais e coletivas do desconhecido, ou seja, daqueles que você costuma humilhar, satirizar, segregar, ou qualquer outra forma de comportamento humilhante, que faz com que a vítima se sinta feia, horrível, descaracterizada, a ponto de sentir sozinha e ter desejos de tirar a própria vida.

Se alguém precisa ter para ser respeitado, ou se precisa ter para existir, então preocupa-nos até a comercialização do respeito, da dignidade, da generosidade. Vamos refletir: é muito notável que uma pessoa de pele branca seja respeitada porque apresenta ter um certo capital, para garantir respeito em um lugar de padrão. Nota-se que alguém já foi recebido com falta de respeito porque não correspondeu financeiramente ao local aonde foi. Isso poderia corresponder, a grosso modo, ao adágio que diz: a gente vale aquilo que tem, ou a gente vale aquilo que possui.

Os mais antigos, com sua sabedoria, diziam: “estude, meu filho, para ser alguém na vida”.

Ser alguém, para mim, é ser uma pessoa boa, honesta, do bem, digna, que não se vende. Generosidade não se compra e respeito não tem preço.

(Natalha Claudinei Silva Nascimento, professora de Matemática, ativista de Direitos Elementares do Grupo de Transgêneros, a única transgênero negra com graduação em Matemática da cidade Estrutural - DF, a primeira transgênero negra docente de Matemática da América Latina, vinda de uma universidade pública, de que se tem notícias).

Horror da pedagogia, melhorem.

O relato abaixo foi encaminhado para a Secretaria de Educação via e-mail no ano de 2019, ano que adentrei a unidade de ensino Colégio 01, como educadora social voluntária, pelo período de 1 ano.

Em fevereiro de 2019 entrei em uma certa escola da estrutural, cujo nome prefiro

não divulgar, por respeito às poucas escolas da comunidade. Até aí, ok! O problema estava naquilo que eu passei a presenciar.

Acreditei que a escola, com os muros fechados, bem protegidos, com arames farpados e portões longos e firmes que defendiam seu interior, realmente ofereciam boa educação e que seus docentes, que vinham à comunidade e, em sua maioria, não moravam lá, estavam prontos para encarar as condições didáticas que a comunidade oferecia e que o governo do distrito federal amparava com boas e perfeitas condições o corpo estrutural da unidade de ensino. Negativo! Passados pouco mais de 2 meses, vi se repetir muito do que presenciei em 2018 no centro de ensino fundamental-02 da estrutural. Muito desrespeito com a comunidade. Espantei-me com a naturalização da segregação e do piolho, muito, mas muito piolho. O que mais me deu “nojo” nem foram os piolhos de uma aluna sentada ao meu lado, e sim a repulsa dos profissionais que, quando viam a criança, começavam a se coçar, sem nem mesmo tocarem na pequena. Por falar em toque, a própria docente da menina não a abraçava, assim como os demais evitavam tocar nela. Percebi muito roteiro de fala de políticos ligados ao comportamento normativo. Em um certo dia de setembro, uma professora falou que a violência no Brasil era culpa da mistura de raças, e que na Argentina não havia muita violência porque havia uma raça única, de pele clara (quero que saibam que isso é um ensino prestado às crianças). Gritos, muitos gritos com as crianças - coisa que, acredito eu, a comunidade não sabia que ocorria. Esses comportamentos fogem absolutamente da nossa vivência na comunidade. Aqui é nítida a mistura de raças. Reconheço que há violência, mas a culpa não é da miscigenação.

Cheguei a levar o caso para psicólogos responsáveis pela aluna que eu acompanhava. No dia seguinte a direção da escola conversou comigo sobre o assunto, desculpando-se etc... Mas não vi uma mudança significativa. A falta de respeito com a comunidade é algo indesejável. Até mesmo comigo, que moro e vivo aqui, sinto muita falta de respeito, como se a comunidade fosse inferior, por não ter as roupas, os carros e a posição que os preconceituosos ocupam. Vergonhoso, absolutamente vergonhoso. Deixo claro que há um pequeno grupo de professoras que realmente merecem o nosso digno respeito, mas a maioria nem aqui merecia trabalhar, porque não conhece nossa cruel realidade e comete erros graves.

Outra fala desrespeitosa, e que de certa forma ensina, foi da professora com um aluno que comia muito. Ela reclamava porque a criança comia demais e falou: “Onde já se viu um gordo bonito?” Deixo claro que isso não é um crime - eu pelo menos não vejo assim -, mas vejo como um erro que pode ser corrigido. Outro detalhe que observo são professores saindo da sala de aula para bater papo com outros.

Presenciei também a docente pegando a aluna autista pelos dois braços e sacudindo-a, censurando-a para fazer a atividade, algo desnecessário. Dá para melhorar, dá para evitar. Isso também foi levado à direção da escola.

Já em dezembro, uma criança especial, filha de uma mulher que eu conheço, fugiu da escola pelo portão maior. Apenas eu vi o exato momento da fuga e saí correndo para avisar a portaria, que pegou o pequeno de volta.

Novamente a direção da escola se retratou afirmando que seriam instaladas câmeras dentro da unidade. Esperamos que, além das câmeras, seja instalado o respeito com a estrutural por aqueles que vêm à comunidade.

Aqui farei menção aos gritos diários que os alunos ouviam e faziam com que eu me compadecesse deles. Na terceira sala era insuportável, eram repetidos e altissonantes os gritos. Já nos últimos dias de aula eu estava sentada na mesa, na sala dos professores, quando chegou um grupo de professoras gritando, tentando me intimidar. Eu me assustei, comecei a tremer, levantei-me, peguei um café e fiquei encarando-as, sem falar nada. Não esqueçam que eu moro aqui e vivo aqui. Reivindico diariamente o que é meu naturalmente, e quem vem para a estrutural deveria, no mínimo, deixar seu orgulho nas linhas após a divisa da br.

Sem contar que, pouco antes dos dia das mães, entrei na sala dos professores para beber água e ouvi uns gritos de docentes, que passaram a rir de mim. Reclamei com a vice-direção e ela pediu para que eu saísse da sala e procurasse outro local, no qual elas não me vissem. Ou seja, a culpa de ser alvo de chacotas era minha. Assim eu fiz. Caso mencionado à cre-guará, em reunião registrada e documentada em ata.

Estrutural é assim. Nós somos assim. Pretos, pobres, favelados, diferentes dos iguais. Mas sonhamos que alguém possa nos olhar como peça parte do convívio humano.

Acredito veementemente que a estrutural pode mudar para melhor, e que a educação é uma ferramenta indispensável para que isso ocorra. Não desistirei de viver livre e abertamente nos espaços onde todos possam ser livres respeitosamente, sem que suas características físico-sociais sejam tão importantes, mais importantes que seu caráter ou sua honestidade.

Os casos mencionados são o retrato de tantos outros e que são de conhecimento da direção da escola e da regional de ensino cre-guará, porém, particularmente eu não vi efeito. Melhorem, melhorem, melhorem! Quando a comunidade se dispõe a deixar seus pequenos, mesmo especiais, na escola, é porque eles confiam na educação que vocês oferecem.

Quando eu me levanto cedo para prestar uma atividade voluntária, é porque eu simplesmente me disponho a isso.

Contem conosco para que possamos trabalhar juntos e construir uma comunidade, a exemplo de muitos.

S.O.S Educação Estrutural – Negligenciados

A partir de fevereiro de 2018, a comunidade tem observado em conjunto e tolerado silenciosamente o comportamento de alguns docentes, diretores e da própria Regional de Ensino do Guará, repito, do “Guará”, que não representa em nada a cidade Estrutural e seus anseios por uma educação de qualidade.

Veementemente reprovada pela comunidade, a regional de ensino tem se posicionado contra aquilo que é direito da comunidade (uma participação efetiva nas decisões educacionais que realmente nos interessam). Não conhecemos nem quem é o diretor da regional. Todas as decisões que eles tomam, relacionadas ao pedagógico, são distantes, sem contar as vezes que não podemos ir até a regional para tratar de assuntos e temos que ligar e somos mal atendidos. Somos esquecidos.

Conflitos

Eu seria generosa ao dizer que 90% dos docentes enviados para a cidade estrutural não moram na comunidade e não conhecem a nossa cruel realidade, que clamou durante anos por uma educação que superasse, de longe, aquilo que sempre buscamos. Dessa forma, eles (as) acabam cometendo erros considerados graves, que são de ciência da regional de ensino, que não tomou nenhuma decisão e não me deu nenhuma resposta até hoje, mesmo após as denúncias feitas por mim mesma. Os casos são de negligências, descaso, gritos com crianças, desrespeito a quem mora na cidade com comparações humilhantes: “b de burro”, “piolhento”, “preguiçoso”, “pobre” foram algumas das “belas” frases que vi e ouvi diretamente, em uma das 5 escolas de ensino fundamental na primeira fase, aqui mesmo na cidade.

A situação me preocupou quando vi uma docente empurrando o aluno pela cabeça; outro menino sentado no chão na porta da sala num sol de rachar; outro, acredito que com uns 5 anos, com um ferimento no pé; ele mancava e estava tristonho. Como ele era super ativo revolvi chamá-lo, peguei em seu pé e olhei. Quando abri os dedos dava para ver o osso do pé. Resolvi fazer perguntas sobre aquele ferimento, e pela explicação muito provavelmente foi um choque elétrico em um fio descascado em casa. Outro caso de uma criança com um ferimento que não identifiquei bem do que se tratava, e que durante meses ninguém fez nada por ele: eram feridas na boca, parecia pano branco e se espalhava. Revoltei-me com aquilo.

Docentes com celulares na hora da aula, professora de porta em porta batendo papo com frequência, outra dentro da sala de aula com uma caixinha de som ligada e um barulho de som ensurdecedor, sem contar os gritos com um aluno de 6 anos, superativo, que eu acompanhava. Os casos mencionados são do conhecimento da Regional de Ensino do Guará. Também são de conhecimento da Comissão de Direitos Humanos da CLDF.

Como a comunidade possui um contingente de 39 mil habitantes e a maioria da

população ainda não concluiu o ensino fundamental, segundo PDAD, vi-me na obrigação de esclarecer esses casos, já que moro na comunidade, conheço de perto as mazelas e sou umas das pouquíssimas pessoas com graduação na comunidade e a única transgênero preta, com licenciatura em matemática, da cidade Estrutural e da América Latina.

Há casos com características de racismo, em que a M. e o W., ambos pretos ou negros, que não quiseram fazer uma denúncia, relataram-me quando eu era educadora social. Tiveram que abandonar a escola e hoje dizem que não querem mais voltar à sala de aula. Esclareço que hoje, em 2019, um ano após as denúncias, queremos ver de perto e participar da construção de uma educação pedagógica de qualidade, no que diz respeito à comunidade. Evitar que erros constrangedores e eternos aconteçam, questões de nome social de trans e travestis sejam respeitadas na escola, que pertence à comunidade e não a grupos de docentes com pouco ou quase nenhum interesse social com a Estrutural. Poucos docentes moram na Estrutural (ou talvez nenhum) ou conhecem nossa realidade e acabam por cometer erros graves, passivos de ação penal, como uma calúnia que certa vez sofreu por parte de um grupo de docentes ultraconservadores.

Essa é a imagem de tantos outros desrespeitos que venho presenciando diretamente. A comunidade é órfã de uma representatividade pedagógica realmente voltada à educação, sem interferência de políticos religiosos extremamente conservadores. A comunidade não é palco político para esse tipo, não reconheceremos a regional de ensino do guará enquanto nossos direitos educacionais não forem respeitados.

Após reiterados comportamentos humilhantes por parte dos docentes, resolvi fazer triagem dos casos para ajudar os docentes a terem ciência dos casos de prejuízo mental, resultantes do gás silencioso, pois acreditamos que os erros cometidos sejam questão de ignorância ou desconhecimento dos assuntos que fazem a comunidade sofrer. Educação é o caminho. Assim, elaborei dois projetos baseados na vida real da comunidade e entreguei pessoalmente nas mãos da coordenação de ensino do guará, e eles simplesmente devolveram, sem um argumento plausível que me fizesse compreender, apenas me disseram que envolvia dinheiro e que não podiam ajudar. O que eu percebi foi que não há interesse, simplesmente não há interesse.

Fui até a CLDF, no setor de comissão de orçamento e finanças, para tentar viabilizar a execução do projeto. Um homem, identificado como gênésio, afirmou que havia cerca de 48 mil reais disponíveis para cada uma das 5 unidades de ensino que a comunidade possui, que estavam liberados pela lei e faltava apenas descentralizar. E se não fosse descentralizado no prazo, o dinheiro iria desaparecer. E pasmem, pasmem! A regional de ensino do guará me afirmou, por telefone, que não sabia dessa verba. Aquilo me deixou supra raivosa. Passei a visitar e falar com todos os diretores. Uma das escolas, o cei-02, estava vendendo tupperware para custear despesas. A COEF da CLDF me disse que se essa verba não fosse descentralizada ela simplesmente desapareceria, e eu perguntei:

“pra onde?” Ele disse “não sei, mas desaparece”. Pensei nas verbas anteriores que não foram descentralizadas e tiveram outro destino, algo a se pensar.

(Segue em anexo a tabela que a COEF me deu).

Em nossa vivência, há os problemas deixados pelo maior lixão da América Latina e outros problemas reais da comunidade como: a queima do lixo, que produz gás silencioso e atinge diretamente o cognitivo dos alunos nas diversas faixas etárias, desde a gestação do bebê até a idade adulta; os efeitos nocivos do gás metano, resultantes da queima do lixo, que atingem diretamente a saúde mental dos moradores, sem contar os riscos de gás metano acumulado e as erosões que isso pode causar. Casos reais e que são desconhecidos pelos docentes que chegam à comunidade para dar aulas. Dessa forma cometem erros, achando que os alunos são apáticos, preguiçosos e não querem nada com a vida. Errado!!!

Nessa diretriz, levei a denúncia/reclamação na própria regional de ensino do guará, que diz representar pedagogicamente a comunidade. Nunca nos sentimos representados.

Na primeira parte deste documento faço menção das mazelas deixadas pelo maior lixão da América Latina, os riscos que sofremos, diariamente, da cidade Estrutural ser engolida por uma cratera resultante da queima do lixo, os gases tóxicos que são liberados, os efeitos dos gases tóxicos, a situação dos cachorros que ficaram sem comida, após o fechamento do lixão que existiu durante 35 anos. Nem a própria comunidade conhece esses riscos e acreditamos veementemente na educação como ferramenta na desconstrução da miséria intelectual, das correntes escravocratas do analfabetismo. Na segunda parte do documento faço relação do comportamento da comunidade entre si, da situação das crianças quando chegam à escola, filhos de presidiários que sofrem agressão psicológica em casa, armas, drogas, desemprego, transgêneros, diversidade, violação de direitos fundamentais, preconceito, *bullying*, idosos, etc. Os projetos foram devolvidos e demonstram zero interesse, mas os casos de humilhação continuam, como o caso de uma professora que gritou com uma aluna autista, e eu fui explicar-lhe o que era “autismo” e que aqueles gritos iriam atrapalhar o desenvolvimento da criança (caso já resolvido).

A liderança comunitária da cidade Estrutural - DF acredita que, juntos, podemos diminuir ou acabar com esses casos, usando o diálogo como ferramenta e criando uma ponte acessível entre grupos distintos, no caso: escola/ comunidade; escola / alunos etc., através de treinamentos da nossa própria vivência e pelos próprios moradores, reduzindo, assim, o distanciamento, para que até casos de agressão a professores sejam identificados e repelidos pelos próprios moradores.

Geografia da cidade estrutural:

Setor leste: zona central onde há mercados, asfalto, comércio e proximidade com posto de saúde e br.

Setor norte: setor asfaltado com pequenas lojas e pequenos comércios.

Setor oeste: setor asfaltado com pequenas lojas e pequenos comércios.

Setor santa luzia: falta de tudo! Desde violação de direitos a crimes bárbaros (não quero explicar aqui por morar em região perigosa), falta de asfalto, drogas, casas de tapume, muita lama em época de chuva, ratos, animais pelas ruas como cachorros, cavalos, fiação de energia feita pelos próprios moradores, proximidades e exposição com o lixão, etc...

Perfil comportamental dos moradores mirins e não mirins da cidade estrutural-DF

- Crianças que chegam sujas, com piolhos ou com necessidades alimentares, muitas do setor Santa Luzia, local bem ao lado do lixão, onde os desastres são piores - coisa que não é desconhecida pelas autoridades.
- Filhos(as) de ex-presidiários ou presidiários: recebi em casa uma jovem de pele branca com duas crianças, também brancas, pedindo ajuda e roupas, pois o esposo estava preso e eles não tinham nada para comer, e o marido ainda a ameaçava, prometendo cumprir quando saísse da prisão.
- Abandonaram a esposa com 2 filhos: caso da J., com duas crianças pequenas: R. e E.
- Há um número expressivo de negros ou pretos dentro e fora dos presídios, que são moradores da comunidade.
- Metade da população, cerca de 20 mil, ainda não concluiu o ensino fundamental: caso de uma atendente religiosa de padaria que me disse ter vergonha de não saber ler e que sonha muito em concluir os estudos.

O cognitivo das crianças está sendo afetado pela exposição silenciosa dos gases resultantes da queima do lixo, gases esses que devastam, pela inalação, o equilíbrio mental.

Os fatos pedagógicos

Segundo a Coordenação do Centro de Ensino Fundamental-02 -Colégio 01 me relatou, o número de laudos na escola é assustador, comparados a outras escolas em que ela já trabalhou. Só pode ter uma explicação: o “gás metano”.

É muito comum ver alunos reclamarem de dor de cabeça e moradores reclamarem de dor no globo ocular, nos ossos, nas articulações etc...

O setor de Psicopedagogia da colégio 02 me informou que são preocupantes os casos multifatoriais, desnutrição e subnutrição, desajustes familiares, carências de recursos financeiros, problemas emocionais e cenas de violência, carência de assistência médica, com casos de esquistossomose, que é alarmante o número de laudos em crianças de 6 a 10 anos. Já na escola do gás (outra unidade de ensino que foi até interditada) há relatos de desmaios, ânsia de vômitos, dor de cabeça, enjoos, etc.

OBJETIVOS

No cronograma dos projetos, o objetivo é ajudar os docentes recrutas, explicando-lhes quais os reais conflitos sociais que enfrentamos com frequência, as mazelas deixadas pelo lixo que Brasília inteira produziu e jogou ao nosso lado, o analfabetismo que a comunidade enfrenta e a confiança na educação como possibilidade; que os alunos não são preguiçosos, que a apatia é consequência da exposição ao gás resultante da queima do lixo, que a comunidade é carente, que há violação de direitos fundamentais, que não temos escolas de ensino médio, que temos alunos com autismo, com síndrome de down, que o lixo deixou prejuízo mentais, que há casos de pobreza e miséria; esclarecer sobre *bullying* por sermos moradores da comunidade, sobre o preconceito de brasilienses no tratamento a moradores da cidade Estrutural e explicar que não somos bandidos, para que possamos viver em harmonia, sem processos demorados, duradouros, que desgastam e promovem a violência.

E-du-ca-ção: é o que precisamos, com o resto aprendemos a lidar. Educação é o eixo fundamental na desconstrução da violência. Educação social de valor humano inclui dignidade e respeito, que não têm preço.

As escolas da cidade estrutural não são palco para políticos profundamente religiosos.

Educação não tem religião, não tem sexo, não tem gênero. Respeitem nossas escolas e nossa história de vida.

Somos pretos, pobres, trans e favelados, temos dignidade e merecemos respeito, acima de tudo respeito!

Em meio a conflitos políticos de incitação a violência contra a comunidade transgênero no Brasil, por parte de políticos ligados ao comportamento normativo, resolvi entrar em atividade, exigindo do poder público uma postura mais respeitosa em relação à comunidade. Sendo assim, recorri ao Ministério Público do Distrito Federal, à Comissão de Direitos Humanos, ao Conselho Regional de Ensino. Cre-guará-DF e proeduc.

Sete denúncias, nos anos de 2018 e 2019, levadas às autoridades do Distrito Federal para que fossem tomadas providências quanto às situações relatadas.

- 1- Denúncia sobre situação das crianças da comunidade e do descaso do poder para com as crianças. Protocolada no MPDFT, PROEDUC, Comissão de Direitos Humanos etc...
- 2- Denúncias relacionadas à exposição de gás deixado pela queima do maior lixão da América Latina, inalado pela comunidade local.
- 3- Denúncia feita sobre o porquê de não haver escolas de ensino médio na comunidade Estrutural-DF e sobre o exagero de normas em uma comunidade com número expressivo de negros e pretos.

4- Denúncia feita no Ministério Público sobre o porquê do exagero de normas na única escola que atende o ensino médio e segunda fase do ensino fundamental na comunidade, transformando a unidade de ensino em colégio militarizado e excluindo a comunidade transgênero, que acabou abandonando a escola, além do fato de outros (as) não terem conseguido vagas porque não se encaixam no pressuposto de menino ou menina.

5- Denúncia levada à Regional de Ensino do Guará – DF, que fiscaliza as escolas públicas da comunidade, datada e documentada.

6- Reunião com a Regional de Ensino do Guará sobre processos de transfobia por parte dos docentes dentro do corpo pedagógico na comunidade.

7- Palestras, reuniões e encontros, dentro e fora da comunidade, sobre violência contra a comunidade transgênero, em 2018.

Projeto “Incluindo para Incluir - 2018”

Todo processo de construção dessa fase foi elaborado dentro da Unidade de Ensino Fundamental – 02, apresentado na Câmara Legislativa do Distrito Federal, Comissão da Educação e a diversos deputados.

Os alunos dessa turma, bastante agitados, provocam uns aos outros com palavrões, xingamentos e comportamento libidinoso incompatível com a idade deles.

Relatos: Já pegaram em armas de fogo em casa, já viram corpos estendidos no chão, já viram alguém ser assassinado e já perderam parentes para a criminalidade.

Falaram também que, caso alguém abuse deles, devem chamar a polícia e ligar no disque 100.

Bullying foi o mais comentado! Diversos apelidos que os incomodam. Tema:

- *Bullying*.
- Pedofilia.
- Conflitos Sociais.

(Y.A.P.S, aluno):

Hoje, 1º de abril, o aluno citado me preocupa pela maneira exagerada com que se comporta: muito agitado, corre bastante, chuta e bate nos colegas, inquieto o tempo todo, depreda as lixeiras, morde a mão do guarda da escola, tenta fugir da escola e faz bastante inimizade com os alunos.

O aluno demonstra repulsa em relação aos demais, e quando é para copiar do quadro para o caderno, sai da sala e começa a correr de um lado ao outro incessantemente, atrapalhando a aula. Quando sai bate nos colegas, e é extremamente agitado, inquieto e reproduz o que vivencia em casa e no computador.

(Aluno Y.A.P., em 03 de abril de 2018, período vespertino).

O aluno acima citado tem dificuldades de escrever os conteúdos do quadro para o caderno. Quando eu peço para ele escrever, ele chora e resiste, arruma a mochila e sai.

Educadora Social Voluntária

CEF – 02 Centro de Ensino Fundamental 02 Cidade Estrutural – DF,
01/03/2018.

Eu, Natalha Silva Nascimento, professora licenciada pela Universidade Estadual de Goiás, deparo-me hoje nessa escola, voluntariamente, com a situação da educação e vejo que, para que uma sociedade progrida, é preciso investimento financeiro, caso contrário essas crianças sofrerão as consequências desastrosas de uma sociedade marginalizada.

Hoje vejo meninos e meninas alegres, sorridentes, brincalhões e felizes. Vejo também alguns com manchas na boca (aparentemente coceira), outros não têm borracha e lápis. Tênis rasgados, uns usam uniformes, outros não, uns mais limpinhos e outros sujinhos, entre 9 e 10 anos de idade. O que mais me surpreende é que nada disso impede a sua alegria.

Estão jogando bola na quadra, descalços ou calçados, no sol. Não percebo separação sexista entre eles e elas, pelo contrário, conversam comigo, me abraçam, fazem perguntas do tipo: “Onde você mora?” “Você tem marido?” “Você tem filhos?” “Você mora com quem?” “Qual sua idade?” Perguntas desse modelo. E mesmo nesse conjunto de situações, é notável a alegria externa no sorriso simples de cada um deles.

CEF – 02 – Centro de Ensino Fundamental – 02 Cidade Estrutural – 01/03/2018.

Y.A.P. 7 anos I – Diagnóstico

I – Trazer o material digitado para ele, por um certo prazo, até ele criar empatia a escrever e permanecer na sala.

II – O resultado não será a curto prazo. Enquanto isso é o jeito segui-lo. CEF – 02 Estrutural. 21/03/2018

- Aluno S. W.
- Natalha Silva Nascimento – Educadora Social Voluntária

O aluno se incomodou com o *bullying* que estava sofrendo. Resolvi tomar a frente e solucionar, conversando com os alunos da turma. Fizemos a atividade e tudo ocorreu normalmente. Percebi que ele ficou mais tranquilo e mais aliviado e me perguntou: “Tia, alguém te contou alguma coisa?” Eu respondi: “Não!” e lhe expliquei que tenho bastante experiência no que faço, que estava ali para ajudá-lo e defendê-lo, e ainda lhe disse que ninguém o machucaria.

Caramba! O garoto ficou feliz, com o comportamento de quem dizia “obrigado tia, não aguentava mais!”. Vi felicidade do seu semblante, até a relação com os colegas melhorou, já não falava baixo como antes, ria com os colegas, brincava com a professora,

enfim, ótimo resultado.

O aluno citado é especial.

Educadora Social Voluntária - 16/04/2018

Natalha Silva Nascimento.

Aluno: L. F. F. S. C. P.

Matemática

Palitinhos

Ensinando a importância de contar com os dedos e palitinhos, azulejos, cerâmicas, fazendo pausa entre as quantidades.

O L.F. é “gago”. É muito inteligente, elabora bem aquilo que lhe interessa. Sabe mentir envolvendo qualquer pessoa, até professores. Demonstra querer que a professora seja aquilo que ele não tem em casa. Percebi que o sistema capitalista não tem limites, exclui, marginaliza e segrega.

Tivemos uma vitória muito grande com o retorno do Y. Aluno muito ativo, já fugiu da escola no meu primeiro dia de trabalho. Na semana de provas havia um atraso significativo em relação aos demais alunos, ele começou a fazer a prova e de repente se recusou a continuar a avaliação, então pediu para sair. Fui obrigada a chamar sua mãe a vir à sala e ajudar a insistir que a criança fizesse a prova. A mãe veio e o aluno chorava, observei e percebi que ele estava muito manhoso, a mãe ameaçava deixar o menino sem assistir televisão em casa. A criança terminou a prova, a professora me chamou e me perguntou se seria viável ele fazer uma outra prova que estava atrasada. Eu então perguntei: “Quantas ele tem com atraso? A professora respondeu: “Fora essa, mais duas”. Eu analisei e lhe disse: “Bom, até o momento percebi que ele chorava de ‘manha’, isso não fere e não machuca, então se ele está na escola para estudar e está em déficit de conteúdo vamos lá, vamos deixar ele fazer duas provas e avaliar seu rendimento”. Incrivelmente foram feitas 3 provas em aproximadamente 3 horas, e de quebra ele ainda sentou no chão e fez a atividade proposta.

Quero, através do relato, ressaltar a importância dos pais na escola, ou do responsável, ou do Estado, através das Instituições. Isso ajudará muito na educação de cada indivíduo.

DESTAQUE

Quero destacar a importância dos pais no processo educacional de cada criança. Há necessidades individuais, nas quais os professores não podem se pôr na condição de pai. Mesmo que a professora queira, não conseguirá. A responsabilidade é individual.

Destaca-se:

É importante cada um perceber seu compromisso e não deixar de perceber o compromisso coletivo, expulsar para longe a individualidade, o egoísmo e a separação.

O campo coletivo quebra o individual e amplia a ideia do que é ser e participar da ação de educar.

Dia: 26/04/2018

A educação é um bem de todos e a sala de aula deve ser espaço de recepção, na qual a luz do conhecimento não pode se apagar. Para quem mora em uma favela super violenta, a escola pode ser um lugar onde podemos sonhar e crer que é possível melhorar.

Se a educação exclui, então ela deixa de desempenhar o seu papel formador, pois a educação é a “ação” de mudar e transformar. Eu a considero o bem comum mais precioso que a sociedade civil possui, apenas depois da água do ar, do sol e do solo.

A escola é a fonte da ação e nela enxergamos o caminho do conhecimento.

Desafiador é participar no processo educativo de filhos de pessoas envolvidas no crime. Já que sou moradora da cidade, é notório o envolvimento de jovens no crime (houve um assassinato neste domingo, às 19h30). O Estado é tão responsável por eles quanto seus próprios pais.

DESCASO

Nota-se um grande número de crianças mazeladas, com feridas na boca, chinelos rasgados, sem uniformes, pés sujos, sapatos descolados, cabelos sujos, mau hálito etc.

Qual aluno, qual criança se sentirá motivada a estudar se sentindo diferente dos demais? Mesmo porque a sociedade (professores, no caso) têm o hábito de repelir aquilo que foge da padronização. Hoje estou ao lado de outra criança sujinha, tímida, que escrevia em caixa alta. Observei o isolamento dele, estava de shorts e não tinha lápis coloridos, seu rostinho triste apresentava manchas esbranquiçadas e não sorria hora nenhuma, mesmo quando eu brincava com ele. Observei, também, que se coçava muito.

Na mesma turma havia um menino moreno com uma mancha corrosiva na boca. Sessenta dias atrás não havia ainda tomado a ponta do nariz dele; hoje essa mesma mancha estava bem maior, ficava entre a boca e o nariz e ele passava a mão nela. Andava sempre sujo em relação aos outros.

Destaco aqui a amabilidade que eles apresentam, não eram crianças agressivas.

DESAFIOS

Com os pés cheios de ferimentos, ele vinha todos os dias. Que estímulo está tendo essa criança? Não tem um motivo para ele se sentir motivado a ir para a escola. Fazendo uma análise da situação, até professores vão à escola porque se sentem motivados por aquilo que é atraente. Quando isso não é compromissado, revoltam-se e se manifestam.

Os pequenos não têm a mesma capacidade de reação e agem da forma que mais lhes convém. O que mais me entristece é a exacerbação de quem não busca entender o que motiva tal atitude dos pequenos e reage a eles da forma mais covarde possível.

Para entender as crianças é necessário entrar em seu mundo fantasioso. Deixo claro que não é uma tarefa fácil, e é a partir das dificuldades que eu defendo o “voluntariado”. O voluntário aprende muito em qualquer circunstância, porque o problema do “outro” me dá a entender que o meu é solúvel. Ser voluntário é tratar o próprio “psicológico”, é uma medicação natural indicada a qualquer sofrimento psicológico. Por incrível que pareça, sara!

[...]

Lá estava ele sentado sobre os dois pés na cadeira, o olhar de sempre, centrado, sandália preta e muito barrenta.

DESAFIOS

Quando cheguei na escola, meu trabalho era acompanhar um aluno especial, porém a escola percebeu que ele sofreu preconceito a vida inteira e eu teria muito a contribuir. Diziam-me, então, para ajudar o Y.: “nós já fizemos de tudo, o possível e o impossível para que ele permanecesse na sala e ele não fica, têm amigos imaginários, briga com os colegas, já não sabemos mais o que fazer, ninguém mais do que você para saber o que é preconceito. Ajuda ele?” (Lágrimas).

Deparei-me com uma criança que suava muito, super agitada, aversiva à sala de aula. Usei as formas mais atraentes para seduzi-lo ao aprendizado, com jogos, atividades rápidas e muita conversa. Era um menino muito inteligente, falava o inglês que via nos jogos de internet, era habilidoso para criar histórias. Foi muito difícil fazer com que ele gostasse da sala de aula, tentei os desafios mais chamativos.

Certo dia, notei que ele chorava muito sem motivos e não queria ficar na escola, mordeu a mão do guarda escolar que tentava segurá-lo, já não havia mais o que fazer.

A professora não demonstrou interesse, aquilo me chocava. Fui à sala de psicologia e pedi uma reunião. Eu estava preocupada, era preciso fazer algo. Foi então que as meninas perceberam e me chamaram. “Natalha, chamamos você aqui, estamos vendo sua angústia”.

Passaram-se 21 dias e nenhum contato!

Diariamente nesse intervalo, perguntavam-me por ele, não podia tomar atitudes que não eram minhas, mesmo querendo.

[...]

Até que, certo dia, o aluno apareceu. Estava bem fisicamente, psicologicamente e muito tranquilo.

DESAFIOS

Morar em uma periferia perigosa, desestruturada, com altíssimo índice de violência, jovens na marginalidade atraídos por dinheiro fácil, conflitos sociais dos mais diversos, necessidade de alimento ao lado do lixão, onde grande parte da população vive ou sobrevive da reciclagem, considero mais honesto do que ser político no Brasil. E se não é fácil para adultos, imagina para as crianças.

Escola periférica

Quem tem que se acostumar com as mazelas da cidade e com o isolamento das demais cidades, já que é cercada por reservas florestais e indústrias de grande porte? É uma brincadeira que divide a Estrutural das demais cidades.

Dentro de todo esse contexto, ser travesti é um estigma, e meu trabalho de apoio pedagógico (Educadora Social Voluntária) é desafiador, tenho que me desdobrar em exemplo de pessoa, exemplo de educadora, exemplo de travesti, já que represento uma população de comportamento negativo e qualquer desvio de comportamento da minha parte é alvo de ataque à minha conduta. Conceitos religiosos fundamentalistas são os mais influentes.

Conversa com a Coordenação

De tudo que já foi relatado, hoje me despertou o interesse de falar com a coordenação da escola, o que eles vêm enfrentando ao longo de todo processo. Confesso que me sensibilizei.

C. – Entre 14 e 15 anos

Preso por delitos. Detido por 3 meses.

Quando voltou, apresentou comportamento agressivo de mente perturbadora. Ameaçava alunos e professores.

Certo dia, ameaçou a professora, provocou algazarra, não se controlava, pulou o muro da escola e se evadiu. Dizia abertamente que os professores e os alunos não sabiam do que ele era capaz. A coordenação relatou que por diversas vezes tentou amenizar a situação, mas sem sucesso. Observação: dois irmãos presos e um assassinado. “Para que

eu quero estudar?”.

D., 12 anos

Sempre foi diagnosticado com comportamento agressivo, ameaçava e agredia. Chegou a bater na diretora da escola, que, segundo a coordenadora, sentiu-se obrigada a transferir o aluno. Não havia mais possibilidades de convivência já que a agressão física havia se consumado.

Constantemente batia nos colegas e os xingava, recusava-se a fazer as atividades. Com toda tentativa pedagógica, o aluno em questão não respondia.

Por diversas vezes a família do aluno foi convocada a vir à escola, porém não comparecia.

M., 7 a 9 anos

Festa seria ameaça à professora, não havia mais o que se fazer. A docente, por medo e por não aguentar mais toda aquela situação, veio até a direção e falou: “Ou ela ou eu”. A discente faltava muito, porém dava para perceber que a aluna era muito inteligente, disse a coordenação. A mãe da aluna sempre foi chamada a participar da vida pedagógica da filha, até o Conselho Tutelar foi convidado a chamar a responsável pela aluna. Reprovou por falta.

A coordenação da escola relata, ainda, que já passou por diversos constrangimentos porque os responsáveis super-atacam os professores e os abordam com xingamentos do tipo: “égua”, “sua égua”, “você é paga pra isso”, “você persegue meu filho”, em meio a outros pais.

Desafios da coordenação pedagógica:

- Fazer com que os pais participem do processo cognitivo do aluno.

Em todos os convites quase 100% dos pais nunca vieram à escola para saber sobre a situação letiva da(os) discentes.

XXX, 17 anos

Gritava muito na sala, perturbava o andamento do ensino, chegou a enviar uma mensagem ameaçadora à professora: “cuidado, a cadeira vai voar em você”. Com histórico de violência sexual e dramático, sempre apresenta o comportamento agressivo.

[...]

Destaco a importância da inclusão, em que a instituição de ensino receba alunos em conflito com a lei, em sua maioria adolescentes, outros em liberdade condicional, dependendo do caso, e envie relatórios periódicos sobre o progresso educacional dos alunos. Enristeço-me muito com a irresponsabilidade do Estado em cumprir com as suas obrigações, em garantir a segurança do docente. Aliás, a escola cumpriu sua obrigação.

O Estado precisa garantir o direito do professor em se sentir seguro e protegido pelo

governo em questão. A “Educação Formal” exige que cada um cumpra seu compromisso na escola como um conjunto.

Relatos da supervisora do noturno 07/05/2018

Mesmo com a necessidade diária, como alimentação, os alunos conseguem vir à escola. E preocupa os docentes a baixa autoestima deles.

Há o histórico de alunos que não têm o que comer no noturno e estudam com fome. Há algumas mães que vêm buscar seus filhos e aproveitam para se alimentar, certas de que em casa não encontrarão insumo algum. Alunos pedem biscoitos para levarem para o irmão, conforme diz a Coordenadora.

Os alunos apresentam comportamento agressivo, vivem com histórico de violência e exclusão constante. A instituição de ensino acredita que a violência na região ocorre entre grupos e família, porque há uma desestruturação social emocional e os pais dos alunos ou responsáveis não apresentam suficiente condição psicossocial para lidar com situações conflituosas, e isso se reflete diretamente na escola, onde alunos ameaçam professores.

Outro dado preocupante é o número de mães precoces, para as quais a responsabilidade chegou cedo: 17 anos é a idade de algumas.

Relato do pedagógico

Os desafios são imensos: inclusão, construção do diálogo, participação efetiva dos pais nas decisões pedagógicas dos estudantes, entender a participação de cada um e aos desafios que influenciam todos a participar.

O descompromisso do Estado, aliado à exacerbação de obrigações que o docente sente, faz com que muitos adoeçam. Dos 43 professores em sala de aula no diurno, 33 tomam medicação para ansiedade e stress, dor de cabeça, e não dormem. Principalmente as mulheres, o que gera reclamações por parte dos maridos.

O processo educacional inclusivo se sente coagido e a segunda ferramenta mais importante está ferida.

Negligenciados

Um número expressivo de crianças chegam à escola absolutamente esquecidas pelas instituições, que deveriam assisti-las. A irresponsabilidade faz com que os pequenos cheguem sujos à escola, sem persistência de futuro. O descaso com os pequenos é visível, alguns deles apresentam ferimentos na pele, nos pés, nas pernas. Não há como descrever o que originou as feridas. Por 90 dias uma criança frequentou diariamente a escola com ferimentos na perna esquerda. Aquilo incomodava, porque ele coçava e eu sempre observava que não havia tratamento que possibilitasse àquela criança uma condição melhor, que lhe propiciasse estudar sem incômodo. A região era

inchada e avermelhada, sem contar a sujeira; os pés embaraçados, apresentavam sujeiras avermelhadas nas mãos, nas unhas e nas pernas.

O que mais me admirava era a disponibilidade em estudar. Nunca faltava às aulas. A leitura e a escrita eram defasadas, ele me pedia ajuda, um tanto firme: “Tia, me ajuda!”. Eu soletrava e ele escrevia.

Todos os negligenciados apresentavam uma defasagem na escrita e na leitura. “Se o Estado tira o direito de ser, que condição eles terão para existir?”

Negligenciados

A comunidade ou o Corpo Comunitário deposita uma fé muito grande nas instituições de ensino, colocando na escola a esperança, mesmo vivendo em meio a tantas situações desagradáveis, como: violência, homicídios, suicídios, tráfico de drogas, desorganização, animais pela rua. A comunidade acredita que é possível esperar na educação, que o amanhã poderá ser melhor e mais seguro para se viver.

O Estado é o maior negligenciador de direitos e incentivador do surgimento e apoio de outros negligenciadores. Isso faz com que esse tipo de comportamento chegue à sala de aula “inevitável”, formando, assim, uma corrente de instituições e pessoas que se propõem a provocar atos que desumanos costumam praticar, tornando-se, assim, comum o ato de negligenciar. Um ato egoísta imperceptível, que desmerece e humilha aqueles que não têm voz e nem poder de reação.

Árvore comunitária

Dentro da escola o professor é o maior negligenciador de direitos das crianças, principalmente porque é ele quem está diariamente em contato físico visual. Eu presenciei esse tipo de comportamento e me deixou em choque, já que a docente estava mais interessada em ouvir música em uma mini-caixinha ensurdecidora.

O fundamentalismo religioso tem restringido o cognitivo da docente, fazendo dela uma praticante de violação constante de direitos. As crianças são obrigadas àquela centralidade de músicas, já que a vivência social delas é enorme. Comportamentos assim farão com que elas se tornem inaptas à diversidade. Adultos irão se defrontar com comportamentos inversos estudados na escola e se confrontarão judicialmente, caso isso não seja trabalhado agora.

É preciso ser generoso, pois a pacificidade entre as instituições religiosas promove a paz como o bem de todos e principalmente às crianças.

Só a educação, com seu papel transformador, é capaz de promover sem violência.

A violência gerada pelo negligenciador reflete nas crianças, que se agridem mutuamente e agridem os outros, desenvolvendo, assim, um sentimento egoísta.

Observar uma criança com nariz sangrando, sentindo dores em sala de aula, enquanto a professora ouve cantigas, é um exemplo claro da raiz do descaso. Não houve sentimento de atenção e acolhimento. A docente fingiu não ver nada. Com o barulho do som, era difícil falar com ela sobre as providências tomadas pela coordenação.

Talvez o problema seria o aluno ser hiperativo ou a monitora ser transexual, quebrando paradigmas fundamentais.

Quando há um agrupamento de docentes com esse tipo de comportamento, percebe-se a gravidade da situação que se agrupa dentro da unidade escolar. No interesse único de solucionar problemas relacionados à vivência pedagógica, tornam-se negligentes e incentivadores de atos que promovem a violência.

Não se assustem se uma população grande de pessoas de comportamento egoísta e agressivo se formar. Falta entre as pessoas o exercício da generosidade, expulsando-se, assim, o egoísmo.

08/05/2018.

Em meio às mazelas, vale destacar o resultado do trabalho desenvolvido.

O aluno em questão é o mesmo que apresentava dificuldade de interação, fugia da escola, mordida o guarda, apresentava desarmonia geral. Chorava querendo sair da escola. Esse mesmo aluno apresenta-se incrivelmente dedicado ao conteúdo em sala, e antes era absolutamente difícil até permanecer em sala. A própria professora já havia desistido. Houve todo um trabalho conjunto depois que resolvi chamar atenção dos envolvidos: tratamos da situação do aluno com a professora, psicólogos e direção, percebendo-se, enfim, a necessidade dele. Conseguimos trazer a mãe e ela passou a participar da aula (mesmo grávida, próxima ao parto). O resultado que vemos hoje é um aluno orientado, participativo, que faz todas as atividades, permanece em sala e está recebendo uma gama de elogios. O corpo docente está encantado com o progresso do Y., são elogios a todo momento.

Despertou-se, então, o interesse de colocá-lo na série seguinte, já que o diagnóstico foi apenas “chamar atenção”. Com a participação da mãe na escola tudo se resolveu, sem ameaças ou constrangimento.

Apresentamos, hoje, duas atividades da série seguinte para que fosse testada a habilidade do docente estudado. Foi ótimo, ele superou a expectativa.

Suspeita em falar, sempre notei a habilidade do aluno em resolver as atividades; é “talentoso”, sempre à frente dos alunos da turma em conteúdo, embora eu tenha suspeitado que ele precisava de orientação.

Agressão psicológica

Casos de agressão psicológica associadas ao comportamento dos alunos e incitação

ao *bullying*, empurrões na cabeça, fazendo da sala de aula um ambiente de chacota, são comuns.

Considera-se que há uma desigualdade social entre alunos e professores, de questão geográfica, mas não justifica agredir os discentes com posturas desnecessárias, sem um conhecimento prévio sobre as suas necessidades, justificadas no comportamento das crianças.

A vivência social dos docentes é absolutamente incompatível com a vivência das crianças da Cidade Estrutural.

A pressão psicológica da docente em relação às crianças faz com que elas não entendam várias situações. Se nos erros do aluno ele é punido, por que não elogiá-lo ou agradá-lo quando apresenta atitudes boas?

Esse despreparo da docente em relação à criança desencadeia no psicológico do pequeno a ideia de que ele não está fazendo nada certo. Sua vivência escolar em relação aos demais passa a ser diferente.

Desestímulo

O comportamento agressivo de professoras, desprovidas de ferramentas capazes de desenvolver no aluno a ideia positiva de mudança, é o que mais preocupa.

A comunidade tem a docente como agente mediador de transformação, ao ponto de entregar os filhos na sua inteira responsabilidade. Isso demonstra que o responsável acredita no professor e na sua capacidade em contribuir no processo educacional da criança.

O que tem ocorrido é uma violação da Declaração Universal dos Direitos Humanos, especialmente o Artigo 26.

Os mentores da educação elementar precisam educar-se em não nortear apenas fatores negativos. Alguns agem de forma criminosa, desestimulando a criança, provocando como resultado frustração progressiva.

Houve um caso em que a docente menosprezou a condição de socialização do aluno. Pela necessidade que o aluno apresentava de atenção e aprendizado, ela falava alto com ele e, como consequência, o aluno se recusava a fazer a atividade e saía da sala frequentemente. Além disso a criança tem “gagueira”, com um histórico desestimulador.

Proposta

Proponho uma intervenção imediata de caráter educativo, que exige preparo do docente.

Isso inclui conhecimentos sobre:

- 1- O aspecto geográfico da cidade, sua origem, localização, população alfabetizada

e população não alfabetizada.

2- Conflitos sociais, índice de violência, índice de homicídios e pobreza.

3- Lixão, desestímulo, urbanização.

São tópicos necessários para que o docente esteja apto a trabalhar, conhecendo as necessidades da região, evitando erros grosseiros que um docente bem preparado jamais cometeria.

A comunidade perceberá a mudança é demonstrará interesse, envolvendo-se mais ativamente nas questões relacionadas.

Direitos violados da Cidade

- Livres e iguais em dignidade.
- Direito à vida e liberdade.
- Igualdade de direitos sem distinção.
- Direito à assistência legal de violação.
- Todos têm direito à propriedade pessoal .
- Direito à segurança social.
- Direito ao trabalho livre e justo.
- Direito a lazer.
- Direito à saúde, bem-estar e segurança.
- Dever de respeitar os direitos do próximo. Ninguém pode retirar direitos humanos.

S.O.S Educação Estrutural, apresentado na Câmara Legislativa do Distrito Federal

É com preocupação que a comunidade transgênero da cidade Estrutural do Distrito Federal se encontra, diante do exposto exagero de imposições pelo Colégio 03 e pela nova gestão compartilhada, que transformou o único colégio de ensino fundamental segunda fase e ensino médio que a cidade possui em colégio militar. DESTACAMOS que não ignoramos de forma alguma o trabalho dos militares, pelo contrário, eles sempre serão bem-vindos. Mas acreditamos que seria muito mais eficiente se, em vez de incluir 70%, a escola incluísse 100% das pessoas que precisam de uma educação de qualidade, sem distinção de gênero ou exclusão da história de vida de quem não se sente representado com o modelo social-pedagógico implantado. Uma das exigências desnecessárias e a que mais preocupa é que fazer com que os “meninos” cortem os cabelos como norma da gestão. Em entrevista ao *Jornal Fantástico* da Rede Globo, exibido no dia 17/02/2019, o repórter pergunta: “E os alunos que têm cabelo black, que não der para amarrar?” Ela afirma: “Vai ter que cortar bem curtinho”.

Preocupa-nos esse modelo imposto por um Secretário de Educação branco, que pintou a escola de branco, escola na qual uma diretora de pele branca faz imposições com características raciais. Porque o que se dá a entender é que um novo modelo social de pessoas está sendo criado, excluindo assim, as transgêneros, que de forma alguma se encaixariam nesse modelo, porque não se compreendem como meninos, e nem os homens trans, que não se compreendem como meninas. Assim, a escola deixa de cumprir sua atividade verdadeiramente pedagógica de inclusão, sendo que na verdade está excluindo as poucas trans, que se sentiam confiantes de que seus direitos de estudar não seriam violados, e que hoje estão fora da escola. Havia duas trans. Mulheres que estudaram ano passado, 2018, e que simplesmente desapareceram. São elas a A. e a D., e outros(as) que são moradoras da comunidade. A T., que buscou vaga no Colégio 03 e não conseguiu; o G., que estuda no Colégio 01, bem como suas famílias com crianças pequenas que precisam delas por perto para ajudarem a criar os irmãos menos. A comunidade sempre reprovou a organização pedagógica do Colégio 03.

Acredita-se que essa nova gestão foi implantada porque a gestão passada sempre deixou a desejar, nunca agradou pedagogicamente como deveria.

Vale salientar que a cidade estrutural no distrito federal possui um número expressivo de negros em geral, trans negra, homem trans negro, cisgênero negra, rapazes negros, bissexuais negros e heterossexuais negros, que têm cabelos duros, como eu possuo, e de forma alguma querem cortar, assim sendo desconectados da sua própria história de vida, e fora desse modelo social imposto pelo novo modelo pedagógico, ficando de fora da unidade escolar e, como consequência, tendo o direito de estudar violado. Resistiremos a todas as formas de preconceitos e incitação, mesmo quando esse comportamento estiver disfarçado de bons costumes. Nem mais nem menos, apenas “diferentes”.

Educação não tem religião, não tem sexo, não tem cor, não tem raça. Político não é professor.

Educação é o eixo fundamental de desconstrução da violência, educação social de valor humano inclui respeito e dignidade, que não têm preço.

Professora Natalha Claudinei Silva Nascimento

REFERÊNCIAS

MARQUES, Marília. Veja como está o antigo Lixão da Estrutural 1 ano após fechamento no DF. **Portal G1**, 20/01/2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/DF/distrito-federal/noticia/2019/01/20/video-veja-como-esta-o-antigo-lixao-da-estrutural-1-ano-apos-fechamento-no-DF.ghtml> Acesso em: 20 de janeiro de 2019.

TEIXEIRA, Isadora. Sem recuperação ambiental fechamento do lixão completa um ano e meio. **Jornal Metrópolis**, 14/07/2019. Disponível em: <https://www.metrosoles.com/distrito-federal/sem-recuperacao-ambiental-fechamento-do-lixao-completa-um-ano-e-meio> Acesso em: 14 de julho de 2019.

SOBRE A AUTORA

NATALHA CLAUDINEI SILVA NASCIMENTO - professora de matemática, licenciada pela universidade estadual do goias ueg-go, gestora e fundadora do instituto ipi- incluindo para incluir.

- Nacionalidade: brasileira
- Estado Civil: união estável
- Cidade: Estrutural -DF/ águas lindas de goiás
- Telefone: 61-99538-9515
- E-mail: natalhan879@gmail.com/ direitosipi@gmail.com

Formação superior

- matemático completo

Experiência profissional

- Centro De Ensino Fundamental-Colégio 01 - Função: monitora
- Colégio 02; Cidade Estrutural-DF - Função: monitora
- Colégio IFB; Cidade Riacho Fundo - Função -palestrante de direitos humanos
- Colégio e faculdade projeção; Cidade Taguatinga - Função: Palestrante de direitos humanos
- Colégio militar colégio 03; Cidade Estrutural-DF - Função: professor- orientador
- Colégio e faculdade projeção de sobradinho - Função: palestrante de direitos humanos
- Colégio estadual Emília Ferreira branco - Período:3 anos - Função: professor
- Colégio estadual Paulo Freire - Período :1 ano - Função: professor
- Colégio estadual Olavo Bilac - Período :1 ano - Função professor
- Colégio Gean Piaget - 3 meses; Cidade: águas lindas de goiás - Função: professor
- Operador de telemarketing - 3 meses

Cursos complementares

- Iniciação a química
- Iniciação à física
- Iniciação a biologia
- Monitor de biologia
- Libras- língua brasileira de sinais

O LIXÃO DE BRASÍLIA

e as sérias violações de direitos humanos

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



O LIXÃO DE BRASÍLIA

e as sérias violações de direitos humanos

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

